

NO CORAÇÃO DA NATUREZA

REVISTA DE TURISMO DE **TERRAS DE BOURO**



GERÊS
TERRAS DE BOURO



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



Man and
the Biosphere
Programme

“No Coração da Natureza”

EDIÇÃO: MUNICÍPIO DE TERRAS DE BOURO
Nº / ANO: 03 / 2026

DESIGN: Município de Terras de Bouro

CARTOGRAFIA: Município de Terras de Bouro

TEXTOS: Adolfo Morais de Macedo, Adriano Pereira,
António Afonso, António Cunha, Carlos Pontes,
Cristóvão Carvalho, Fernando Cosme, José Arriscado
Goreti Rodrigues, José da Mota Alves, Manuel Tibo,
Rui Barbosa, Sérgio Gonçalves, Sónia Almeida,
Vasco Mota

IMPRESSÃO: Graficamares, Lda.

DEPÓSITO LEGAL:



O concelho de Terras de Bouro, localizado no Minho, no distrito de Braga, ocupa uma área de 265,24 km². É limitado a Norte pela Galiza, a Noroeste pelo concelho de Ponte da Barca, a Oeste pelo concelho de Vila Verde, a Sul pelo concelho de Amares, a Sudeste pelo concelho de Vieira do Minho e a Este pelo concelho de Montalegre.

O acesso ao concelho, partindo de Braga, pode ser feito seguindo a direção de Vieira do Minho pela E.N. 103 — onde, ao chegar à freguesia das Cerdeirinhas, se desce para as pontes de Rio Caldo — ou pela E.N. 101, em direção a Vila Verde. Neste último caso, após a passagem da Ponte do Bico sobre o rio Cávado, segue-se para Amares e, na freguesia de Rendufe, toma-se a direção de Terras de Bouro pela E.N. 205-3.

Já dentro do concelho, a circulação faz-se pela E.N. 307, que liga a sede do concelho a Covide, pela E.N. 304, que faz a ligação entre Covide e as pontes de Rio Caldo, e pela E.N. 308, que liga o Gerês a Amares. Destaca-se ainda a E.N. 308-1, que liga as pontes de Rio Caldo à Portela do Homem, na fronteira com Espanha, atravessando o interior do Parque Nacional. Entre as suas freguesias, a circulação é facilitada por uma rede rodoviária e caminhos municipais que, embora por vezes sinuosos, garantem uma boa conectividade.

Terras de Bouro possui 16 000 hectares do seu território integrados no Parque Nacional da Peneda-Gerês, em plena serra do Gerês. De natureza granítica, o seu relevo apresenta paisagens impressionantes, aliadas à abundância de águas de ribeiros como o Gerês, Leonte, Palas, Torpo, Colado dos Fetos e Caldas, que alimentam os rios Cávado e Homem. O clima é temperado atlântico e atinge, por vezes, os 3000 mm de precipitação anual, o valor máximo registado em Portugal Continental.

Até aos 1200 metros de altitude, a arborização é densa e apresenta várias espécies, salientando-se o carvalho, o azereiro e o medronheiro. Existem ainda espécies que, devido ao risco de extinção, são consideradas protegidas pelo Parque Nacional, como o azevinho, o feto do Gerês e o lírio do Gerês. A fauna local é igualmente variada, contando com javalis, lobos, veados, texugos, lontras, martas e tourões. Pela necessidade de conservação, o Parque protege rigorosamente espécies como a águia-real, o garano do Gerês, a geneta e a víbora-cornuda.





Terras de Bouro: Natureza, Bem-Estar e Identidade



Nesta edição da revista No Coração da Natureza, convidamos os leitores a descobrir uma dimensão particularmente marcante de Terras de Bouro: o **turismo ativo e de bem-estar**, uma forma de viver o território em plena ligação com a natureza, com a tranquilidade das paisagens e com a autenticidade das nossas comunidades.

Inserido no coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o nosso concelho oferece condições únicas para quem procura experiências que combinam atividade física, contacto com o meio natural e momentos de descanso e renovação. Neste contexto, o **termalismo** assume um lugar de destaque, com as estâncias termais do **Gerês** e **da Moimenta** a afirmarem-se como espaços de saúde, equilíbrio e bem-estar, onde a tradição e a qualidade dos recursos naturais continuam a atrair visitantes e aqúistas de todo o país e de além-fronteiras.

Terras de Bouro não se define apenas pela beleza das suas paisagens. O que verdadeiramente dá vida a este território são **as suas gentes**, que ao longo de gerações souberam preservar saberes, tradições e modos de vida profundamente ligados à terra e à serra. Nesta edição, damos especial atenção à **aldeia da Ermida**, um lugar singular onde a história, a paisagem e a identidade comunitária se entrelaçam, revelando um exemplo vivo da relação harmoniosa entre o homem e a natureza.

A revista destaca também o contributo de quem se dedica a estudar e a valorizar o nosso território. A entrevista ao **professor Fernando Cosme** conduz-nos pelo fascinante universo da toponímia do Parque Nacional da Peneda-Gerês e, em particular, de Terras de Bouro, ajudando-nos a compreender melhor o significado e a história dos nomes que habitam estas serras.

A natureza volta a assumir um lugar central nesta edição, com vários portefólios fotográficos que revelam a beleza e a diversidade deste território. A revista convida ainda à descoberta de trilhos pedestres e de incursões pelo Gerês mais profundo, onde a autenticidade das paisagens e a riqueza da biodiversidade se revelam em toda a sua plenitude

Com esta publicação, procuramos continuar a dar a conhecer a essência de **Terras de Bouro**: um território onde paisagem, cultura e comunidade se entrelaçam, formando **um lugar único - de baixa densidade, mas de grande intensidade no coração da natureza**.

Manuel João Sampaio Tibo

Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro

Índice

05

EDITORIAL
Manuel Tibo

08

Mirante Velho
Adriano Pereira

10

Ermida - Um lugar emblemático da Serra do Gerês
José da Mota Alves

18

CRÓNICA - Juntos vamos mais longe
José Arriscado

20

ENTREVISTA - À Conversa com... Fernando Cosme - António Cunha

30

O Rio Arado
Sérgio Gonçalves

36

Tesouros do Gerês: O Núcleo Museológico de Campo do Gerês
Cristóvão Carvalho

44

Mais do que Paisagens: 5 Lições Surpreendentes do Parque Nacional da Peneda-Gerês - Sónia Almeida

48

Termalismo nas Caldas do Gerês
António Afonso

54

PORTEFÓLIO - "Encantos Serranos" Parque Nacional Peneda-Gerês
Vasco Mota e Luís Borges

66

CRÓNICA - Terras de Bouro: Onde a Natureza e a Espiritualidade convergem num único Território Sagrado - António Cunha

68

CRÓNICA - Gerês Profundo Uma Jornada aos Prados da Messe
Rui Barbosa

78

O Parque Nacional Peneda-Gerês
Adolfo Morais de Macedo

86

O Lobo Ibérico no Parque
Nacional
Carlos Pontes

94

Termas da Moimenta
Goreti Rodrigues

96

Garranos de Montanha: Um
encontro com a história viva de
Terras de Bouro - Cristóvão Carvalho

100

A Ecovia que Silencia o Tempo
O Refúgio da Natureza
Cristóvão Carvalho

104

Trilho do Bom Jesus do
Monte das Mós
Goreti Rodrigues

108

Experiências Únicas no Coração
do Parque Nacional
Cristóvão Carvalho

116

Parques Verdes
Goreti Rodrigues

124

POEMA - Diário de Miguel Torga
Miguel Torga

Mirante Velho

Subindo a cerca de 599 metros de altitude pela pitoresca estrada de Lamas, deparamo-nos com uma autêntica varanda suspensa sobre a Albufeira da Caniçada, onde a harmonia entre o vale profundo e a robustez da montanha se revela em todo o seu esplendor. Contudo, o destino é apenas o apogeu de uma experiência sensorial muito mais vasta, já que o percurso, quer se parta da Vila do Gerês ou da aldeia do Campo do Gerês, é pontuado por cenários idílicos e recantos que convidam, ou melhor, obrigam a paragens contemplativas.

Para quem inicia a jornada pelo lado do Campo do Gerês, o trajeto serpenteia pelas famosas curvas de S. Bento, que oferecem vistas magníficas sobre a linha de cimeira da serra. Pelo caminho, a mística fenda da Calcedónia impõe-se na paisagem, enquanto a passagem pelo Miradouro de S. Bento prepara o olhar para a imensidão que se avizinha. Nesta rota, a vida rural

pulsa intensamente e a probabilidade de partilhar o caminho com rebanhos de cabras que circulam livremente pelas encostas é elevada, conferindo uma autenticidade única à viagem. Se a opção for o trajeto a partir da Vila do Gerês, o visitante é envolvido por túneis naturais de vegetação densa que, mesmo no pico do verão, exalam uma frescura regeneradora. Caso o calor seja intenso, há sempre o alento das nascentes naturais que brotam ao longo do percurso e, com alguma sorte, o silêncio da montanha pode ser brindado com a visão de um garrano.

Todo este trajeto conduz-nos ao Miradouro do Mirante Velho, uma estrutura que permite suspender o olhar sobre a imensidão granítica e o espelho de água cristalina da albufeira. Situado num patamar superior ao Mirante Novo, que repousa um pouco mais abaixo, é do topo do Mirante Velho que a experiência se torna verdadeiramente privilegiada. Ali, a brisa per-



corre o nosso rosto e a natureza envolve-nos de tal forma que o ruído do quotidiano se desvanece, permitindo uma comunhão plena com a serra. Deste ponto de vigia, consegue-se observar de forma nítida a metamorfose das quatro estações, desde o verde vibrante da primavera e o dourado do verão, até aos tons de cobre do outono e o silêncio branco do inverno, quando a neve por vezes cobre os cumes. Esta plenitude visual torna o local visitável durante os 365 dias do ano, sendo o acesso extremamente simples, uma vez que o miradouro se situa à face da estrada e dispõe de vários locais de estacionamento. Esta facilidade, aliada à beleza avassaladora do local, consagra o Mirante Velho como um ponto de paragem obrigatório para quem explora a alma do Gerês.

Adriano Pereira





Ermida

Um lugar emblemático da Serra do Gerês

José da Mota Alves

Percorrer a Serra do Gerês obriga à descoberta de cantos e recantos que só um visitante atento conseguirá admirar, num território que tem para oferecer ao vilegiatista ou ao simplesmente turista de passagem. Ambos se poderão mostrar ávidos de natureza, património, história, tradições, mitos e ritos associados a cada localidade.

Na encosta voltada a nascente, sobre a margem direita do rio Cávado, encontra-se uma aldeia secular, que tem uma ermida dedicada a Santa Marinha, uma das nove irmãs gémeas martirizadas, que nasceram na cidade de Bracara Augusta. Mandadas afogar no rio Este, foram salvas, mas mais tarde todas elas acabaram martirizadas, tendo subido aos altares da Igreja Católica. Santa Marinha e Santa Eufémia foram martirizadas na Serra do Gerês - a primeira em Covide e a segunda no vale do rio do Gerês. Os locais, onde foram martirizadas cada uma das nove irmãs, estão envoltos em muitas lendas e em diversos escritos que nem sempre são coincidentes, devendo ser respeitada a crença de cada pessoa ou das pessoas de determinada localidade que acreditam no que lhes foi transmitido oralmente.



Lugar da Ermida - Freguesia de Vilar da Veiga



Capela de Santa Marinha

A freguesia de Vilar da Veiga é relativamente recente, foi instituída muitos séculos após as freguesias que compõem o atual concelho de Terras de Bouro, constando em documentos antigos como um espaço territorial que pertenceu ao extinto concelho da Ribeira de Soaz. Constituíam primitivamente esta freguesia apenas duas aldeias: a de Vilar da Veiga e a da Ermida. Será importante uma análise cuidada e aprofundada sobre a origem dos topónimos de cada lugar, como merece ser estudado a origem dos nomes Príncipe, Conde, etc., porque só conheceremos melhor a história deste quinhão territorial de Terras de Bouro quando se escrever a história mais abrangente de cada espaço, de cada nome e da sua alma identitária.

Campos Monteiro, em 1929, escreveu que as Caldas do Gerês assentam *"na serra mais formosa de Portugal"*; o Dr Ricardo Jorge, em 1891, escreve que a Serra do Gerês é um *"trecho dos Alpes entalhado no jardim do Minho"* e Sousa Costa, em 1934, também escreveu sobre a serra onde diz que *"arrogante de cumieiras, quebrada de precipícios, reúne no mesmo abraço o alpestre e o idílico, o ímpeto das cristas penhascosas e o suave das sobras murmurantes"*. Três visões sobre a Serra do Gerês e tudo que nela se pode desfrutar, seja comparativamente ou não, reforçando tudo aquilo que cada espaço incorpora e tem, para quem visita cada um dos lugares, cada uma das aldeias, cada uma das cascatas, cada um dos

trilhos dos pastores, cada um dos miradouros. É o expoente máximo de raridade que, só com o tempo necessário, se poderá usufruir e conhecer: a beleza paisagística, a cultura ancestral, a gastronomia local e de época e a hospitalidade do povo de cada aldeia.

A Serra do Gerês tinha aldeias comunitárias, devido ao isolamento e afastamento do centro cívico da freguesia, tendo cada uma a igreja ou capela que funcionava como paróquia. Algumas tinham pároco titular, porque a distância à aldeia mais próxima se media em muitos quilómetros. No caso em questão, existia - e existe - a capela ou ermida, com dimensão de igreja, que sempre foi local de culto assumido com estatuto de igreja paroquial.

A Ermida era uma dessas aldeias, situada a meia encosta, considerada aldeia de montanha, a mais de 500 metros de altitude, com um estilo de vida comunitário onde os agricultores se enterajudavam nos trabalhos agrícolas e se organizavam para as vezeiras diárias dos caprinos e para a vezeira de transumância do gado bovino, que funcionava entre o início de maio e o final de agosto. Cada uma das vezeiras tinha o seu regulamento, também conhecido como "Capa Foles", "Foles" ou "Fula", que impunha obrigações a cada proprietário de gado - tanto em



Arco - Festa em Honra de Santa Marinha

relação aos dias da responsabilidade de guarda da manada ou o rebanho, como penalizações para quem não zelasse ou guardasse com o devido cuidado todos os animais que iam pastorear.

A vezeira da transumância do gado bovino obrigava o primeiro pastor, a quem cabia a abertura da época, a levar louça para ele e para os que a seguir o revezassem: três ou quatro pratos, tigelas, colheres, garfos, uma faca, um pote de três pés (primitivamente de barro preto de Prado e depois de ferro fundido), uma panela de barro (e posteriormente de ferro fundido), testos, uma foice para cortar lenha seca, como a urze, essencialmente para fazer a fogueira necessária à confeção das refeições.

Para além dos utensílios doméstico, levavam, também, um alvião, uma enxada e uma corda - esta destinada a acudir a algum dos bovinos enfragados, que tivessem de ser puxados para serem salvos. Cada um dos pastores tinha obrigação de zelosamente cuidar por todos os animais, para evitar qualquer acidente, caso contrário teriam de indemnizar o dono do animal acidentado ou abatido pelo lobo. O vezeiro que não cumprisse as suas obrigações regulamentadas podia ser impedido de levar os seus animais nas próximas vezeiras.



As vezeiras não têm hoje a dimensão de outrora em número de animais, mas continuam a funcionar e são uma atração turística que reúne centenas de pessoas no Gerês, para assistirem à subida da vezeira de bovinos no primeiro domingo de maio. Reúnem-se animais da Ermida, do Gerês, de Vilar da Veiga e de Rio Caldo. A vezeira de caprinos da Ermida continua a funcionar todos os dias do ano, cumprindo, uma secular tradição, com as obrigações regulamentares do documento vinculativo do vezeiro.

O regulamento das vezeiras dos caprinos é diferente, porque os animais eram estabulados todas as noites nas cortes existentes no piso térreo das habitações ou em cortes anexas. Os regulamentos das vezeiras do gado bovino e do caprino são pormenorizados quanto ao objeto e ao rigor das obrigações de todos os que possuem animais para pastorear no monte. Cada uma das vezeiras tinha um tribunal próprio, com um procurador e um juiz. O primeiro eleito democraticamente entre os residentes vezeiros da aldeia, e o segundo que sucedida ao primeiro, tendo de cumprir e fazer cumprir o regulamento em vigor. No final do mandato de um ano, o juiz prestava relatório verbal das ocorrências perante todos os participantes na vezeira.

As aldeias comunitárias tinham regras próprias que regulavam o funcionamento quotidiano da vida em comunidade. Salienta-se uma nota que o Dr José Pinto Rebello de Carvalho nos dá a conhecer: *“os montanhesez do Gerez são agigantados e fortes, as mulheres robustas e trabalhadoras, dadas a trabalhar as suas fazendas. Em algumas Freguezias he gente pouco caridosa para com os d’outras Terras. Ajustão seus casamentos na mesma Freguezia”*.

Era habitual que quem nascesse fora da aldeia não pudesse ser legítimo herdeiro dos bens dos seus familiares - regras estabelecidas pelos antepassados. A vida comunitária obrigava a viver-se em grande união, onde cada morador era um do grupo e nunca uma pessoa individual – caso contrário, seria marginalizado por toda a população da aldeia.

A Ermida, entre muitas outras atrações culturais e paisagísticas, tem nas vezeiras um ponto alto que marca a cultura da sua população, para além do dia da padroeira, Santa Marinha, que tem no seu arco festivo o símbolo da manutenção da unidade da população, que orgulha todos os residentes, pela dimensão

e colorido. Muitos dos residentes afirmam ser o arco mais alto do concelho de Terras de Bouro e das freguesias vizinhas dos outros concelhos.

Era habitual os habitantes da Ermida reunirem no adro da Capela de Santa Marinha para, muitas vezes ao domingo, no final da missa, discutirem assuntos relacionados com as vezeiras, com o uso da água de rega dos campos, com os cortes de mato para a cama das cortes dos animais e outros temas que implicavam a comunidade. O adro da capela era local de encontro dominical, de reuniões, de festividades, sendo considerado o centro cívico da aldeia da Ermida, que beneficiou de melhorias nos finais da primeira década do século XXI, como alguns espigueiros e fachadas de casas degradadas e descaracterizadas, através dum programa de apoio financeiro da responsabilidade da ATAHCA.

Os habitantes da Ermida vestiam-se, outrora, de modo muito semelhante aos das outras aldeias de montanha. Nos homens destacavam-se as camisas e calças de estopa e linho, casacos e polainas de burel - tudo fiado e confeccionado pelas mulheres da casa, com lã de ovelhas e carneiros das raças Churra Minhota e Bordaleira, predominantes nas casas dos agricultores destas







localidades. O tecido das calças, casacos e polainas dos homens e das saias e aventais, das cotas e da frente da saia, das mulheres iam ao pisão para apertar o tecido tornando-o quase impermeável. As mulheres, sobretudo no verão, usavam camisas de estopa e linho, saias de tomentos de estopa e linho, lenços de cabeça do mesmo tecido das camisas e meiuucas de lã. Quando alguns habitantes começaram a sair do lugar e frequentar as feiras, foram introduzidos alguns tecidos mais leves tanto para a indumentária dos homens como das mulheres.

As mantas das camas eram confeccionadas utilizando-se as mesmas matérias primas e o mesmo método das roupas de vestuário.



Outras tradições merecem registo, para memória futura, como a matança do porco, chamuscado com colmo ou urze. A bexiga era cheia com ar, seca ao fumo e guardada para depois ser utilizada como cura de algumas maleitas.

A pele da cabra era aproveitada para o fole de uma gaita ou para fazer o odre para transporte de vinho ou ainda para ser fole de transporte do cereal da casa para o moinho e depois de moído transportar farinha entre este espaço etnológico e novamente a casa. Para além desta utilidade era, também, utilizado como cantil para levar água de modo a ser bebida pelos homens ou mulheres quando iam trabalhar para os campos ou acompanhavam o gado no monte.



Estas aldeias, como a Ermida, tinham tradições peculiares que fazem parte integrante da cultura do povo e da sua identidade. Os jovens casais casavam-se, regra geral, entre habitantes da mesma aldeia; quando tal não acontecia, eram renegados como habitantes e não podiam ser eleitos para os cargos de juiz existente no lugar.

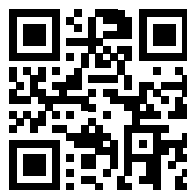
Há tradições que se mantêm, como o prato típico do dia de Santa Marinha: a cabra no forno. Um prato delicioso, digno de ser degustado por qualquer visitante da Ermida. Uma residente da Ermida, já falecida, revelou uma receita: a cabra era abatida e pendurada a secar com loureiro no seu interior; no dia seguinte, era cortada, temperada com alho, loureiro e deixava-se a marinar um dia em água ou vinho, mas como este era escasso usava-se mais a água. Depois, estufava-se em panela de barro preto de Prado ou ferro fundido, usando-se as chalotas do Gerês para o refogado, durante cinco ou seis horas, antes de ser colocada em pingadeira de barro vermelho vidrado ou de barro preto para ir ao forno de lenha, existente na cozinha, com batatas novas, durante mais duas horas.

Era tradição na refeição do dia da Festa de Santa Marinha, servisse um doce, sendo o mais tradicional a sopa seca adoçado com mel da Serra do Gerês, onde predominava a flor de urze. Este doce era habitual servir-se em dias festivos ou nos casamentos de muitas aldeias do concelho de Terras de Bouro.

Esta iguaria é suficiente para visitar a Ermida – um prato com cultura, com identidade e afeto na confeção, servido com a hospitalidade, cada vez mais rara, de pessoas que sabem receber.

A Ermida merece uma visita, merece um encontro com a natureza, com a cultura, com cada canto e recanto por descobrir, e com cada habitante que faz desta aldeia uma pérola da Serra do Gerês. Descubra a Ermida.

José Arriscado, Diretor do Hotel São Bento da Porta Aberta & SPA, Presidente da GVT Associação Gerês Viver Turismo



Video
**PROMOCIONAL
DO GERÊS**

GVT - Gerês Viver Turismo

Juntos vamos mais longe

José Arriscado

O turismo é um setor altamente competitivo, que desperta um interesse crescente e significativo a vários níveis. Embora fortemente influenciado por estratégias nacionais e regionais, é sobretudo ao nível local que este setor se revela determinante para o desenvolvimento das regiões, na medida em que impulsiona a dinamização económica, social e cultural.

Este desenvolvimento só é possível através de esforços concertados, que permitam organizar os recursos existentes e transformá-los em produtos turísticos estruturados. Neste contexto, importa sublinhar que, sendo o produto turístico hoje entendido como uma experiência global cada vez mais valorizada pelos visitantes e dado o carácter fragmentado da oferta turística, composta por uma enorme diversidade de elementos, a cooperação entre agentes assume uma importância estratégica. Esta é essencial não apenas na organização dos recursos, mas também na promoção, divulgação e comercialização dos produtos turísticos. Por isso, torna-se fundamental estabelecer articulações eficazes entre os setores público e privado.

Assim, as diversas entidades que operam no setor devem fomentar alianças e outras formas de colaboração, de forma a gerar sinergias e alcançar vantagens competitivas. O desenvolvimento do turismo, que se deseja sustentado e sustentável e o aumento da sua competitividade, só serão possíveis através de parcerias sólidas e bem estruturadas. Para tal, é essencial que as empresas se organizem, associem e constituam estruturas representativas e agregadoras, que facilitem a interlocução e articulação com as entidades públicas.

Foi precisamente com o objetivo de organizar a oferta de serviços turísticos privados que, em 2008, nasceu a Gerês Viver Turismo, Associação de Defesa e Promoção do Gerês. Esta entidade de direito privado, sem fins lucrativos, reúne empresas do setor turístico do concelho de Terras de Bouro, embora mantenha portas abertas à integração de outras áreas de atividade.

Atualmente, a associação conta com mais de cinco dezenas de associados. As suas atividades são delineadas em planos anuais que incluem um número significativo de ações, só possíveis graças aos protocolos celebrados anualmente com a Câmara Municipal de Terras de Bouro, principal parceira da associação.

A relação entre ambas as entidades tem sido marcada por uma estreita proximidade e elevada produtividade. De facto, a parceria entre o município e a associação é considerada de extrema relevância para o concelho e para a região, já que se centra num objetivo comum: a promoção do desenvolvimento turístico do território e o reforço da notoriedade do destino, visando um posicionamento cada vez mais competitivo no mercado.

Neste enquadramento, a Gerês Viver Turismo assume como objetivos específicos o aumento das taxas de ocupação, o crescimento do consumo de produtos e serviços por parte de turistas e visitantes, a atenuação da sazonalidade e a garantia de padrões de sustentabilidade turística, ambiental, económica, social e cultural.

Tendo como princípio estratégico o desenvolvimento sustentável, e procurando contribuir para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, a associação reconhece como decisivo o envolvimento da comunidade local, dos agentes económicos e da própria Câmara Municipal de Terras de Bouro, enquanto entidade gestora do destino turístico.

O desenvolvimento turístico deve beneficiar todos os envolvidos na atividade, cumprindo um dos principais desígnios do setor: Assegurar que os impactos positivos do turismo se refletem na qualidade de vida da população residente e na vitalidade dos negócios locais.

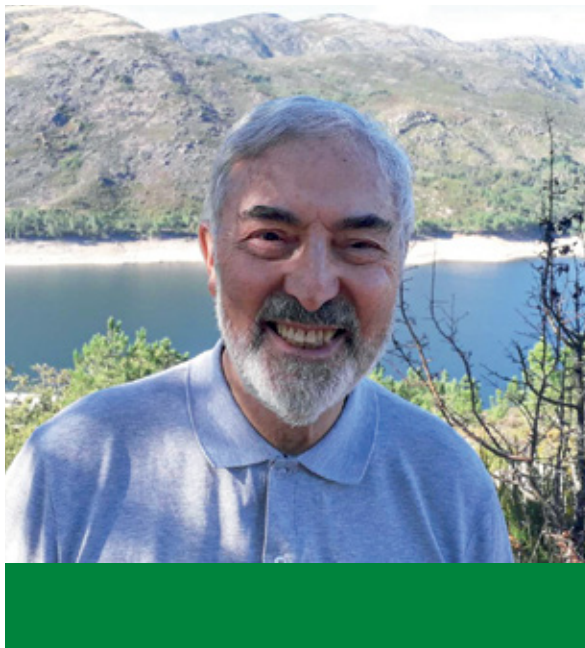
Simultaneamente, pretende-se que o turismo se afirme como motor da economia local, da valorização dos serviços e produtos, da preservação do património, da cultura, das tradições e dos recursos naturais. Objetivos alcançáveis através da adoção de boas práticas na gestão dos ativos turísticos.

Desta forma, ambiciona-se que o turismo contribua de forma ativa e positiva para que, em várias dimensões, Terras de Bouro seja um concelho em constante melhoria, e que a marca Gerês se afirme cada vez mais no mercado nacional e internacional.

Posto isto, o título deste texto poderá, à primeira vista, soar a uma frase feita. Contudo, no caso da associação Gerês Viver Turismo, a estratégia implementada, democrática, participativa e colaborativa e os resultados alcançados confirmam-no plenamente.

Porque, inequivocamente, juntos vamos longe.

Fernando António da Silva Cosme, nascido em 1938 em Covide, Terras de Bouro, licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, foi professor do Ensino Secundário. Tem-se dedicado à Linguística Histórica. Fez levantamento da toponímia do Parque Nacional da Peneda-Gerês.



À Conversa com... Fernando Cosme

Por António Cunha

Como descreve a sua ligação inicial ao Gerês e à Estrada da Jeira? Houve algum momento decisivo que o cativou para este tema?

Nasci e fui criado em Cubide (digo assim porque assim dizia até há alguns anos a gente desta região, assim escrevo pela história da sua grafia; e por ter origem em Cupido, o mais interessante deus de todas as mitologias (era deus criança e entretinha-se a enlevar pessoas arremessando-lhes setas de amor); “Covidé” veio de “influencers” estranhos e ignorantes. Em pequeno, da minha casa via as fragas chegarem ao céu e queria subir lá para lhe tocar com a mão. Começou assim meu amor a esta terra serrana e o desejo de a conhecer.

O estudo do Gerês (ainda não da Jeira) começaria em 1956, na preparação da minha tese de licenciatura, no 5º ano de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa. O orientador, Prof. Lindley Cintra, investigador competentíssimo e de quem todos gostávamos, disse aos licenciandos para escolherem a dialetologia ou a toponímia duma aldeia ou região; eu escolhi

Percurso pessoal e académico

a toponímia do Vilar da Veiga, Rio Caldo, Cubide e Campo - as freguesias de Terras de Bouro que no Verão mandavam as vacas para a serra. Seguindo sua orientação, recolhi nas repartições de finanças do concelho e em inquéritos em cada aldeia mais de 3.000 nomes de sítios. Lindley Cintra, que tinha feito muitos trabalhos dialetológicos mas não toponímicos, ficou pasmado com o número de topónimos, considerou-os de excepcional interesse e estimulou-me muito a trabalhá-los. Com ele e seus assistentes vivi os estudos mais agradáveis e profícuos de toda a minha carreira universitária, tanto em Coimbra como em Lisboa. Antes, quase só estudava para passar, agora passei a usufruir o prazer de pesquisar, investigar e descobrir.

A expulsão do ensino devido ao seu antifascismo e o regresso após o 25 de Abril devem ter marcado profundamente a sua vida. Poderia partilhar connosco como viveu essa transição e o impacto que teve na sua motivação para continuar a ensinar e investigar?

Em 1964, nos meus últimos três meses de tropa em Mueda, Moçambique, o batalhão 558 que aí chegara, às ordens do seu comandante, tenente-coronel Martiniano e execução dum tenente do serviço de secretaria, de nome Graça Ferreira, ambos ex-GNR, matou em cruel tortura e enterrou nas traseiras do quartel 147 negros autóctones, todos inocentes, alguns deles meus amigos que me haviam acompanhado como intérpretes em visitas do meu pelotão a aldeias macondes.¹ Já há vários anos odiava o fascismo, mas desde aí senti-me na obrigação de lutar contra ele.

Comecei a ensinar na escola preparatória de Cascais e fui desenvolvendo o trabalho toponímico em encontros com Lindley Cintra. Entretanto, eu e vários colegas fundámos entre os professores aquilo a que chamámos “Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário (GEPDES)”. Para não sermos ilegalizados, instalámos a sede na Escola Francisco de Arruda, superiormente dirigida pelo muito prestigiado e competente prof. Calvet de Magalhães, e em fins de semana íamos a outras cidades, ajudando professores daí a fundarem seu grupo ou coordenando ações entre grupos já constituídos. Para não sermos caluniados, redigíamos sempre atas das reuniões e assinávamos, embora expondo-nos (o meu nome ficou lá bastantes vezes).

É de esclarecer que a situação docente portuguesa era moral e materialmente calamitosa. Citando apenas estas duas: ao inscrevermo-nos como professores éramos obrigados a declarar ser fiéis ao regime vigente; e não recebíamos subsídio de férias nem de natal, aliás como todos os funcionários públicos, mas cerca de 90% dos professores eram classificados como provisórios, auferiam salários extremamente baixos e não ganhavam nas férias, sendo despedidos em Julho e tendo de requerer nova inscrição

”

“Em pequeno, da minha casa via as fragas chegarem ao céu e queria subir lá para lhe tocar com a mão”

em Outubro para o ano seguinte. A nossa inconfessável utopia era que o movimento evoluísse para um sindicato. A minha ação mais importante nos “Grupos” foi introduzir neles e em Portugal a “Recomendação da UNESCO sobre a situação dos professores”, que me forneceu o técnico superior do serviço de educação da Fundação Gulbenkian, Dr. José Salvado Sampaio. Era um documento basilar, muito esclarecedor e fabulosamente avançado para aqui, mas longo. Distribuí-o em folhas por professoras da minha escola para o traduzirem do inglês ou francês, corrigi as traduções, encomendei a uma datilógrafa profissional a passagem a letra de máquina, e foi com grande agrado recebido no “grupo”, que o mandou fotocopiar em muitos exemplares e vender a vinte escudos cada um aos professores nas escolas.

Tanto na escola de Cascais como em seguida na da Parede vivi três anos de recompensadores ambientes com professores, diretores escolares e alunas (não havia ensino misto). Em 1973 fui colocado no Liceu do Estoril, cujo reitor, também de nome para mim sinistro Graça, acumulava salário de agente da Pide. Não cabe aqui a descrição das ridículas ações que empreendeu para me expulsar. A minha situação tornou-se difícil e tive de dizer a Lindley Cintra, com muita mágoa para mim e que verifiquei também nele, que teria de suspender as nossas reuniões (assim devo ter fugido a uma carreira universitária). Logo que saí do ensino imediatamente arranjei emprego numa excelente empresa de serviços, com o dobro do salário e ganhando nas férias. Deixei de ir à faculdade, mas continuei a estudar tudo que conseguia encontrar sobre o Gerês. Chegado o 25 de Abril, aquele reitor refugiou-se imediatamente numa discreta escola dos arredores de Lisboa, de onde tinha saído em missão do regime. Daqueles nossos “Grupos” nasceu, efetivamente, o sindicato dos professores; grande parte dos seus membros foram primeiros dirigentes e o líder do diretório de Lisboa, meu colega e amigo António Teodoro, eleito presidente da FENPROF.

¹ Desenvolvi estas “belas” ações no livro, em coautoria, “Moçambique, 1964-1974, ex-combatentes portugueses e da Frelimo falam da guerra”, coordenação de Domingos Guimarães Marques, 2009, Braga.

Festejei e vivi com euforia a nova situação e passado algum tempo voltei ao ensino. A minha relação com a faculdade tornou-se diferente. As teses de licenciatura e preparação para elas tinham sido extintas, entregando-nos, sem mais nada, o respetivo diploma, tal como já sucedia nas restantes faculdades. Infelizmente Lindley Cintra, precocemente acometido de Parkinson, deixara a universidade. Não obstante, ainda aí convivi muito proficuamente com outros e outras professoras, que me receberam maravilhosamente, particularmente as suas ex-assistentes, já catedráticas, M^a Helena Mateus e Raquel Delgado Martins. Mas os estudos linguísticos na faculdade estavam a evoluir para outros âmbitos. Eu preferi continuar a orientação de Lindley Cintra, mas em forma independente, que já vinha seguindo, principalmente adquirindo livros, visitando bibliotecas e deslocando-me aos locais de investigação. Tinha nesta orientação excelentes modelos em Óscar Lopes e Joel Serrão, que colaboraram connosco nos “Grupos de Estudo”. E comecei a aperceber-me de que estava a elevar o meu estudo a maior qualidade. Com agrado, esta orientação e alguns resultados foram apreciados pelas professoras amigas, a M^a Helena Mateus chegou mesmo a vir de Lisboa acompanhar-me a estas aldeias e serras.

Recolha toponímica

Recolher 15 000 topónimos, do Parque Nacional da Peneda Gerês até Braga, foi um trabalho monumental. Que metodologias utilizou e que dificuldades enfrentou em campo? Qual foi a reação das pessoas da região ao seu trabalho? Sentiu reconhecimento, curiosidade, espanto?

Não obstante o entusiasmo de Lindley Cintra pelos 3.000 e tal topónimos recolhidos, o aprofundamento do estudo começou a mostrar-me que era insuficiente a área que abrangiam, com poucas variantes culturais, não me permitindo encontrar significativas diferenças dialetológicas, etnográficas, históricas, etc., que me permitissem caracterizá-las em relações mútuas. E como então já se constituía o Parque Nacional Peneda-Gerês (PNP-G), propus-me alargar a recolha a todo o seu território.

Recolhida a toponímia de Montalegre, ao compará-la com a de Terras de Bouro já comecei a verificar diferenças na sua origem. Porque me pareceu que em grande parte se deviam a influência em Terras de Bouro da Estrada da Jeira, para o confirmar interrompi a recolha no PNP-G e fui imediatamente recolher a restante de Terras de Bouro; e mais tarde, após a confirmar como muito caracterizante, também recolhi a de Amares e ainda a das freguesias Palmeira e Adaúfe de Braga, por onde também passa a estrada romana. Entretanto voltei ao PNP-G, recolhendo a de Ponte da Barca, nas finanças e de informadores, e a dos Arcos de Valdevez, só nas finanças. Não consegui

”

“...além de frequentar bibliotecas, enchi-me de livros, andei muito pela serra, aldeias, campos e bouças”





levantar a de Melgaço - Lamas de Mouro e Castro Laboreiro - com muita pena pois me parecia de cultura ancestral interessantíssima e bastante diferenciada. Ao longo de muitos anos vim de Lisboa nas férias e fins de semana prolongados e beneficiei de um preciosíssimo ano sabático; e chegada a aposentação dediquei-me mais inteiramente a este trabalho. Para as recolhas em Terras de Bouro, Amares e Braga, dormi em minha casa de Cubide; para as restantes fui amavelmente hospedado em casas da serra do PNP-G. Os pormenores científicos da metodologia que utilizei, aqui inadequados devido à sua tecnicidade, já os resumi em várias publicações.

Para este estudo, além de frequentar bibliotecas, enchi-me de livros, andei muito pela serra, aldeias, campos e bouças; e fiz muitos telefonemas a informadores, a tentar descobrir porquê cada topónimo designava aquele sítio e que informações este me poderia dar. Ainda cartografei todos os do Vilar da Veiga, Cubide, Campo e os de Rio Caldo situados no PNP-G. As dificuldades foram muitas, sobretudo na compatibilização com o ensino em Lisboa. Mas a vontade de investigar foi muita desde o início da orientação de Lindley Cintra e aumentou quando começaram a aparecer resultados. Beneficiei de excelente receptividade das câmaras, repartições de finanças e presidentes das juntas; e de muita, mesmo muita simpatia e interesse de informadores; foi entusiasmante visitar as aldeias, sobretudo as mais serranas. Dum modo geral mostraram curiosidade e desejo de verem as suas informações num livro publicado. Interessavam-se muito e mantiveram comigo conversas que muito me enriqueceram.

² Entendo que a epigrafia ficaria tão bem na linguística histórica como na arqueologia e deveria ser estudada pelas duas, com intercomunicação, mas tem sido quase exclusivamente na arqueologia.

Linguística histórica e arqueologia

Como relaciona a toponímia com processos de história antiga e arqueologia espacial? Houve descobertas que surpreenderam a sua investigação?

Nos seus objetos e métodos a toponímia diferencia-se da história e da arqueologia. Mas, inserindo-se na linguística histórica, pode dar-lhes e receber delas conhecimentos, complementando-se. O toponimista necessita de ter conhecimentos nestas ciências, sobretudo os relativos à localidade, para enquadrar as suas descobertas. O mesmo se deve dizer do historiador e do arqueólogo relativamente à linguística histórica. Em relação à arqueologia, a toponímia está mais, de facto, na sua subdivisão a que chama “arqueologia espacial”.

Sim, as descobertas que a toponímia local me revelou surpreenderam-me, foram realmente espantosas, nunca vi semelhante em qualquer outra investigação toponímica. Brincando apetece-me dizer que foram além dos planetas Mercúrio, Marte, Júpiter e Plutão, de todos estes e restantes planetas e de todos estes e restantes deuses gregos e romanos, chegando mesmo às divindades celtas. As descobertas são numerosíssimas, não dá para as expor aqui; são o principal objeto do livro que acabo de publicar. Devem-se ao facto de os nossos antepassados nestas terras desde tempos pré-romanos e romanos nunca se terem deixado substituir por outras sociedades; e à confraternização religiosa que existiu entre estes dois povos, encontrando-se frequentemente adorações de indígenas a deuses romanos e vice-versa. Aceitavam facilmente outras religiões; o cristianismo caluniou-os de perseguirem os cristãos, mas a história mostra que foi predominantemente o contrário. Além da arqueologia, principalmente na epigrafia², evidencia-o no Gerês a linguística histórica. Verifica-se, por exemplo, nas hagiografias de Santa Eufémia e S. Bento e na implantação dos seus cultos, bem como no das Senhoras da Abadia, das Júnias, da Peneda, d'Anamão, de S. Sebastião da Jeira, da Ponte de Miserela, etc.

Na sua obra há referências a dialetologia e etnologia, além da toponímia. Como se cruzam estes campos e o que é que cada um acrescenta ao entendimento da região do Gerês?

A dialetologia é intrinsecamente linguística. Estuda o dialeto, ou seja, a língua ou falar da localidade. Todos os topónimos, ao menos os microtopónimos, são elementos exclusivos do dialeto local, foram criados pelas pessoas que o falaram ou falam e são de seu exclusivo conhecimento e uso. Eu, para os conhecer, tive de lhes pedir para mos revelarem. A dialetologia engloba, assim, a toponímia local, mas no dialeto da região há mais do que a toponímia e pode contribuir com outros elementos para a interpretação de topónimos.

A etnologia dum região integra-se também no seu dialeto por ter nele sua expressão (há mesmo a etnolinguística), mas estuda mais concretamente a civilização, a cultura, os hábitos do povo dessa região. O seu conhecimento pode contribuir para melhor interpretação de topónimos, mas na etnologia regional não se estuda apenas a atualidade e a linguística histórica e nela a toponímia também pode fornecer dados para conhecimento de elementos etnológicos passados. Tal como em qualquer região é o que acontece no Gerês, como mostrei em muitos casos.

A Estrada da Jeira

Descreve a Estrada da Jeira como uma via romana que chegou a servir peregrinos rumo a Santiago. O que acha que torna esta estrada singular no contexto ibérico e medieval?

Antes do início da Idade Moderna não nos aparece o nome Jeira em nenhuma referência escrita.³ Isto é importante por mostrar que este nome não tem origem antiga, romana ou pré-romana. Na Idade Média a única referência a ela conhecida é a da carta de doação, por D. Afonso Henriques, do Couto de Bouro à respetiva abadia, em 1153, designando-a por Estrada, sem qualificativo, como nome próprio. Estrada tem origem na expressão romana *GLAREA STRATA* “forrada a cascalho, calcetada”. Esta designação medieval apresenta-a, assim, como uma via para carros única, de nível mais elevado que as restantes, então denominadas carreira ou caminho, nomes vindos do celta. E sabendo nós que era reparada porque se conservava utilizável, na Idade Média não nos aparece qualquer referência a trabalhos de reparação, deixando-nos na ignorância do modo como se faziam. Há referências escritas a iniciarem ter sido utilizada na reconquista antimuçulmana. E este hábito de sua utilização para trânsito militar sentiu-se depois na fundação da nacionalidade portuguesa, levando os primeiros reis a desobrigar as populações locais de serem mobilizadas para o serviço militar, mas obrigando-as a defenderem Portugal de através dela ser invadido por Leão ou Castela.

De peregrinações a Compostela alguns populares fizeram-me eco em expressões tipo: “é uma estrada que vai para muito longe, chega a Santiago”. Algumas peregrinações devem ter sido feitas por esta estrada, que era a de melhor qualidade e, não sendo direta a Compostela, esta cidade já em tempo romano recebia dela uma derivação. Mas na Jeira não se encontrou qualquer indício ou referência a essas peregrinações. Penso que os peregrinos a Compostela terão utilizado mais a Via XIX, por Ponte de Lima e Tuy, por ser mais direta, servir mais povoamentos e mais populosos e, sendo caminhadas predominantemente a pé, não necessitarem da superior qualidade da Via XVIII.

Encontrei, sim, significativos indícios de romarias à deusa celta Nábia, desde a romanidade, a partir de Braga, até Cubide e com extensão até ao sítio do templo do S. Bento da Porta Aberta, onde anteriormente existiria outro templo a esta deusa. E talvez também para o sítio de implantação da devoção à Senhora da Abadia, onde parece haver indícios de outro templo ao deus Bouro. Os microtopónimos *Portelo dos Galegos* no Campo do Gerês e *Fonte dos Galegos* no monte do Castelo de Cubide devem testemunhar romarias vindas da Galiza também a estes cultos de origem pré-romana ou aos cristãos que se lhes seguiram.

No contexto, não só ibérico, mas também europeu, a Jeira apresenta elementos arqueológicos muito importantes, como numerosíssimos padrões, ruínas de pontes, de outras construções e de troços de pavimento da via; e mais duas qualidades, ainda não suficientemente reconhecidas nem reivindicadas, a tornam única: um riquíssimo património imaterial de memória romana revelada na toponímia que recolhi nas suas imediações; e a conservação quase completa de 28 milhas da Via XVIII, desde há 2.000 anos, pelas populações locais, sempre e frequentemente, de *Amares* até Riucaldo da Galiza, ao longo dos tempos, até próximo da atualidade. Estas reparações vieram a dar-lhe o nome *Jeira*, proveniente do nome latino *DIARIA* “obra onde os trabalhadores iam prestar dias de trabalho”. E devem-se ao facto de:

- a) ser estrada internacional importante;
- b) ser muito direita e única para aquelas populações irem a Braga, cidade para elas importante, aonde sempre necessitaram de ir, inclusivamente com carros para transportarem materiais pesados;⁴

³ O documento mais antigo que se conhece com o nome Jeira deste troço de estrada romana é o tomo da freguesia do Campo, de 1540

⁴ As últimas, no início do século XX, foram a estátua do Senhor das Mós e um enorme sino para a igreja de Cubide.



c) ser possível repará-la por ter percurso de montanha não interrompido por construções de povoamentos ou campos; provavelmente foi protegida com proibição de privatizarem espaços no seu percurso;

d) para a sua conservação as reparações contínuas eram absolutamente necessárias porque sem elas, sobretudo em monte costeiro, como é quase todo o seu percurso, em poucos anos as chuvadas fá-la-iam desaparecer, como se verifica em alguns troços onde a via original foi abandonada para desvios.

Em sua opinião, quais seriam os principais passos para divulgar e proteger este património, considerando o potencial de valorização turística e cultural?

Em meu entender a conservação deve continuar, não a deixando extinguir-se ou ser destruída; justifica-o, só por si, o respeito e consideração que nos deve merecer aquela persistente ação das populações nossas antecessoras.

Não sou perito na proteção de património e não me sinto à vontade em dar conselhos, sobretudo implicando investimentos a equacionar. Atrevo-me apenas a exprimir a breve opinião de que deverá ser recuperada para uma forma que lembre o mais possível o que foi em tempos romanos e para ser utilizada em caminhadas e transportes de dimensão limitada. E a classificação de património da UNESCO, que seguramente entendo merecer, deverá englobar não só Terras de Bouro mas também:

A - *Braga*, por a estrada nela começar e dela possuir muitos elementos, sendo só por si um dos seus monumentos mais importantes. Em nenhum monumento romano aparece tantas vezes o nome BRACARA como nos seus padrões e em nenhum outro aparecem tantas referências indígenas e

romanas a Braga como no percurso e imediações da Jeira. É de suma importância para o seu prestígio histórico – não a deixe desaparecer, porque se isso suceder, BRACARA, cidade celta de refundação e grande desenvolvimento romano, perde imenso;

B - *Amares*, por ter um troço de estrada bem conservado e muitos elementos de património material e imaterial;

C - *Lóbios*, pelos seus padrões, troço de estrada e termas;

D - *Bande*, pelas ruínas dum acampamento militar romano e termas.

Memória oral e usos populares

Durante a sua recolha toponímica, teve contacto com muitos habitantes locais. Que importância atribui à memória oral no registo e validação dos topónimos?

Uma coletividade, ao usar a sua língua, recebe dela e deposita nela conhecimentos e sentimentos, do que resulta na língua dum povo estarem os conhecimentos e sentimentos próprios desse povo, a sua cultura, a sua etnia, a sua alma. Ao inquirir os nomes dos sítios duma aldeia, o toponimista inquire a memória que os inquiridos têm desses sítios.

A escrita não é uma língua. É um código artificial, instituído pelo respetivo Estado, que transcreve graficamente elementos orais da língua. É de lembrar que ao longo de toda a história até aos anos setenta do século XX a cultura na sociedade portuguesa era predominantemente analfabeta e de transmissão quase exclusivamente oral. Os topónimos são expressões exclusivamente orais desde que foram criados e evoluíram em harmonia com a oral evolução do dialeto. Em definitivo, ao



toponimista só interessam as formas orais; nos casos em que só dispõe de formas escritas, apenas as aproveita como indícios para chegar às orais.

Recorda-se de alguma história, expressão ou lenda local associada a um topónimo que o tenha marcado particularmente?

Os topónimos *Chã da Nábia* e *Costa da Croa* parece-me responderem à pergunta e simultaneamente ilustrarem como as diversas ciências humanas se interpenetram:

Desde pequeno, na minha aldeia, Cubide, habituei-me ao costume de quando alguém agredia fisicamente outrem em brincadeiras mais violentas do que o aceitável (no dialeto dizia-se “petilhar”), o agredido gritava-lhe com a frase feita: “*vai (lutar) lá para a chã da Nábia*”. Depois vim a saber que a Chã da Nábia era no monte de Santa Isabel, já fora do território de Cubide, e aprendi que Nábia era nome duma deusa celta ligada à água e também à guerra. E juntando dados históricos, toponímicos, arqueológicos e etnológicos, vim a concluir que desde há mais de 2.000 anos naquela chã se realizaram lutas violentas que deverão ter chegado a fazer mortes. Aquela expressão dialetal de Cubide era mais um dado etnolinguístico confirmando-me estas interpretações e acrescentando outras indicações: que Cubide recebeu a fama dessas lutas, provavelmente nelas participou, foram de facto violentas, aquelas festas a Nábia ter-se-ão prolongado até bastante próximo de nós, etc.

No território do lugar da Seara de Rio Caldo o meu informador, Sr. Severino de Araújo, irmão do Dr. Francisco Xavier, indicou-me o microtopónimo Costa da Croa, exatamente sob o templo de S. Bento. *Croa* filia-se no vocábulo *CORONA* que era exatamente como designavam a deusa Nábia na sua faceta de deusa ligada à guerra. Este topónimo dizia-me que no colado sobre esta costa, depois terreiro onde se veio a festejar o S. Bento, antes deste santo também foi festejada Nábia, aqui com nome *CORONA*. E as características dos cultos a Nábia, nomeadamente o de serem festejados ao ar livre, estão na origem de outro topónimo mais tardio: “*da Porta Aberta*”, denominação do S. Bento deste sítio. E o nome *Corona*, cognome de Nábia ligada à guerra, diz-nos mais expressivamente que aí também se faziam lutas em honra desta deusa. Isto fez-me lembrar as características das romarias a S. Bento até há uns 50 anos, que o hagiógrafo desta romaria, Padre Molho de Faria, dizia serem muito pagãs e eu penso que se aproximariam das romarias que antes de aí chegar o culto a S. Bento se prestariam à deusa Nábia.

Nas romarias a S. Bento que eu conheci também eram importantes as lutas de pau, muito agressivas, que se preparavam nas diversas aldeias e se travavam no terreiro de S. Bento, então célebre pelas danças e estas lutas. Depreendi que vinham de longe, das lutas em honra de Nábia. Estudei a tradição destas lutas e verifiquei que se estendiam pela região; chegaram mesmo a ser integradas em ritos religiosos cristãos; e vi lógica na hipótese de longinquamente se filiarem nas lutas das festas a Nábia os conhecidos jogos de pau, as danças dos Pauliteiros de Miranda e até as carinhosas agressões nos sãojoões do Porto e Braga, com alhos porros, agora martelinhos. O facto de Nábia ter sido adorada apenas no noroeste ibérico também

pode explicar a razão de estes indícios de lutas de pau não se estenderem a sul do porto, nomeadamente não a brilhando as festas populares de Lisboa.

Assim, a dados toponímicos tive de juntar outros dialetais, históricos, arqueológicos e etnológicos para ilustrar como estas ciências se interpenetram e se complementam, aqui em forma muito resumida e por isso pouco explicada e fundamentada (no livro procurei que ficassem suficientemente explicadas e fundamentadas).

Há topónimos que desapareceram ou caíram em desuso com o tempo. Como vê o papel da escola, da comunidade e dos próprios municípios na preservação desse património imaterial?

Os topónimos não estão no sítio que denominam, mas nas cabeças das pessoas que os usam ou usaram; e só se conservam se forem transmitidos aos vindouros, extinguem-se se isto não acontecer. Para evitar a extinção, o que se pode fazer é recolhê-los na forma mais adequada possível e estudá-los. Eu fiz isso, seguindo um método adaptado às condições do meu trabalho, que tinha limitações.

Há substituições de topónimos locais, genuínos, por outros estranhos ao dialeto local. É que há o preconceito de que o dialeto padrão é mais válido e exprime mais conhecimento do que o local e o deve substituir. Baseia-se na ignorância e opressão de maiorias e de classes socialmente mais elevadas, num processo semelhante ao colonialismo.

O dialeto dum região é mais integrador e exprime mais diretamente e com mais qualidade a cultura e a língua portuguesa. Muitos escritores afirmaram e nenhum negou que o povo é o mestre da língua. Defender o dialeto local, usá-lo com orgulho, é defender as pessoas e a sua terra, é ato de amor. A escola deve ensiná-lo; e os municípios, os registos prediais e as repartições de finanças devem contribuir, usando os nomes do dialeto local, nomeadamente na escrita, e recusando substituí-los por estranhos, que são sempre inadequados – trazem conceitos estrangeiros e apagam elementos da cultura que eles contêm.

Acredita que os nomes dos lugares revelam formas de ver, viver e sentir o território? Que traços da identidade dos povos do Gerês se refletem nos topónimos?

Sim, os nomes dos lugares podem revelar formas de ver, viver e sentir o território. O topónimo, a partir do momento em que passou a denominar um sítio, deixou de ter significado. Mas tinha-o antes de ser topónimo e foi esse significado que levou a comunidade local a designar com ele aquele sítio. Esse significado traz até nós memórias de realidades desse tempo ou

factos que então aconteceram. Os topónimos compõem nas mentes das pessoas o mapa do território que conhecem, são a base geográfica da sua estruturação mental. Impressionou-me os meus inquiridos com uma barragem a cobrir parte da sua aldeia [barragens do Alto Cávado, Paradela, Salamonde, Caniçada, Touvedo e Alto Lindoso (a de Vilarinho ainda não existia)] terem-me dado sempre sem dificuldade os topónimos nela submersos. A comunidade local, ao escolher os topónimos para designar os sítios do seu território deixou neles parte da vida desse tempo e o modo como a sentia. Na dominância da toponímia dum território, pelo número de topónimos, modo como se articulam ou importância do seu significado, podemos encontrar relevância da civilização dum ou outro povo que habitou o território ou de factos dum época histórica. Nos povos atuais do Gerês, onde encontrei muitos topónimos vindos da presença celta e romana, parece-me encontrar-se algo da alma desses povos: religião, jogos, ligação à natureza, etc.

A provocação desta pergunta leva-me a dar minha opinião de que este é um dos aspetos em que a linguística histórica, onde se integra a toponímia, é mais reveladora do que a arqueologia.

Acredita que a sua obra pode ser também uma ferramenta de valorização do território através do turismo cultural e pedagógico? Já houve propostas nesse sentido?

Entendo que a minha investigação e publicações, nomeadamente o último livro, podem contribuir para os turistas do Gerês conhecerem melhor o seu dialeto, a sua sociedade, a sua história e o seu território. E pode estimulá-los a conhecerem os seus topónimos nos recônditos das aldeias e nas montanhas e a amar mais este povo. E assim contribuir para o desenvolvimento económico da região. Na presidência do Dr. José Araújo recebi e colaborei nalgumas propostas nesse sentido.

Qual foi a reação das pessoas da região ao seu trabalho? Sentiu reconhecimento, curiosidade, espanto?

Além de excelente receptividade das câmaras, repartições de finanças e presidentes de junta, recebi muita, mesmo muita simpatia e interesse de informadores; foi entusiasmante visitar as aldeias, sobretudo as mais serranas. Espantavam-se principalmente por eu andar a fazer isto sem ganhar dinheiro e por vezes não acreditavam. Aproveito para responder aqui aos que me puderem ler: foi na sequência da preparação para a tese de licenciatura, inteiramente à minha custa, apenas para satisfação do prazer de aprender e descobrir, e este prazer fez-me trabalhar quase sem me cansar. Com apoio teria menos limitações, poderia fazer um trabalho muito mais perfeito.

Relação com outras áreas culturais

A toponímia dialoga com a literatura, a cartografia, a música tradicional, entre outras áreas. Houve cruzamentos inesperados no seu percurso de investigação?

No seu âmbito restrito, a toponímia é uma ciência linguística que interpreta nomes de sítios dum território. E insere-se na linguística histórica porque estuda as formas e significados desses nomes quando foram aplicados aos sítios que denominam e a sua evolução ao longo dos tempos. À linguística histórica associam-se outros ramos linguísticos como a sociolinguística, a psicolinguística, a etnolinguística, etc., que no estudo da toponímia tive de ter em conta. E relaciona-se com a história e eventualmente com a arqueologia ao estudar a história do território revelada nos significados dos nomes antes de serem adotados como topónimos. Mas esses significados podem inserir-se em disciplinas diversas, como a flora, a fauna, a geografia, a geologia, etc. e necessitem de adequada interpretação fora dos conhecimentos recebidos na linguística. Fui sentindo necessidade de me atualizar o mais possível nestas e outras ciências, principalmente através da bibliografia; também procurei e tive o prazer de trocar ideias com bons especialistas, por vezes em agradáveis convívios nos meus trabalhos de campo.

A linguística estuda a língua e para o escritor esta é objeto da sua arte. Ao linguista agradam as belas expressões da língua que recebe do escritor.

A música tradicional liga-se à linguística histórica, exprimindo conhecimentos e sentimentos etnográficos. Tive o prazer de tomar conhecimento duma passagem do meu admirado musicólogo Michel Jacometti pela nossa terra nas suas coleções e de no Campo do Gerês ter recolhido cinco canções tradicionais a quatro vozes compostas e cantadas por um grupo de mulheres.⁵

A cartografia é muito importante na toponímia. Cartografei, como referi atrás, parte da toponímia de Terras de Bouro em cartas que amavelmente e com grande responsabilidade me cedeu o ex-presidente Dr. José Araújo. Em minhas publicações as cartas existentes em Portugal e a sua cartografagem mereceram-me muito sentidas críticas no último livro, que aqui não cabem.

Considera que existe, hoje, espaço para um maior envolvimento das universidades e centros de investigação na continuidade do seu trabalho sobre o Gerês e a Jeira?

Sim, existe essa oportunidade, porque tudo está mais facilitado pela melhoria dos transportes, das comunicações, da cartografagem, etc. e mais investimento na educação do que no fascismo. Eu gostaria muito que esse envolvimento das univer-

sidades se verificasse, mas estou pessimista. Os interesses das autoridades pelas ciências humanas têm vindo a decrescer e o estudo da linguística histórica nas faculdades de letras também.

Balanço pessoal (A obra e o futuro)

Existe algum projeto futuro (livro, conferência, percurso orientado) que queira desenvolver ou realizar sobre o Gerês, a Jeira ou a toponímia da região?

No dia 30 de agosto foi apresentado o meu último livro "*O Gerês e a Estrada da Jeira, dialetologia, história, arqueologia, etnologia e fauna na toponímia*". Encaro esta publicação com muita expectativa pois trabalhei-a muito ao longo dos últimos anos. E será o meu livro mais completo. Se me dessem mais algumas dezenas de anos além dos 87 que já completei, sem perda de qualidades físicas e mentais em relação ao que já tive (costumamos fazer esta suposição na minha idade), subiria novamente às serras do Gerês, pesquisaria atentamente os dialetos destas aldeias, aprofundaria a linguística histórica desta região e, num estudo mais amplo, procuraria textos trazidos de mosteiros medievais da Galiza, Leão e Astúrias, que talvez estejam em bibliotecas centrais, como as de Madrid, Paris, Londres e Roma, e tentaria compor uma história da língua portuguesa de melhor qualidade do que o pouco que existe. Tive tantos pensamentos utópicos na minha vida! E, veja-se, não me abandonam.

⁵ Referi esta passagem num pequeno artigo do Geresão. Existe um excelente disco com estas canções editado e comentado por Michel Jacometti e Fernando Lopes Graça. Está esgotadíssimo, praticamente desde que foi editado, há muitos anos, mas penso que o tenho em Cubide e gostaria de o oferecer ao museu etnográfico do Campo. Penso que este museu deveria exibir músicas populares da região, podendo ser nas formas originais ou em composições modernizadas e acompanhá-las de danças tradicionais ou recoreografadas, para o que possui um excelente terreiro. Tanto em Montalegre como na vila do Gerês, em encontros de algumas especialidades para que fui convidado, assisti a interessantes sessões de cantares populares locais, alguns trazidos das romarias a S. Bento da Porta Aberta. Este museu, como testemunho do valioso património cultural da região e de Vilarinho, onde se inclui o comunitarismo que despertou tanto interesse em Portugal, cuja monografia etnográfica constituiu o primeiro doutoramento português de Etnologia, deve ser melhorado, pois pode desempenhar um papel importante no fomento e divulgação da cultura tradicional de Terras de Bouro. E pode e deve merecer interesse em ser visitado pelas escolas do país.

E também a porta cultural do parque. Parece-me que os dois museus deveriam exibir melhores exposições e usufruir de espaços mais amplos e não misturados. O domínio cultural do parque não é só biologia, é também geologia, paisagem, fauna, pastorícia, atividades económicas e de recreio, etc. Peçam fotos a Luís Borges. Apresentados em termos científicos o mais possível acessíveis, são atrativos turísticos e poderão substituir incursões a zonas da serra onde são inconvenientes.



"...a toponímia é uma ciência linguística que interpreta nomes de sítios dum território"



O que constitui para si, ao fim deste percurso, o maior legado— científico, cultural ou pessoal — do seu trabalho no território da Serra do Gerês?

Talvez a descoberta de ações do exército romano, nomeadamente o seu estímulo à agricultura para esta servir a utilização da estrada por ele construída; e a descoberta da religiosidade pré-romana e romana, da sobrevivência destas religiões até bem perto de nós e das intensas ações do cristianismo para as esmagar, apagar e substituir.

Se pudesse escolher um topónimo que represente a alma da sua investigação, qual escolheria e porquê?

Não consigo escolher só um. Agrada-me dizer que me deu particular prazer descobrir nos topónimos *Chã da Nábia* e *Corona* a deusa celta Nábia; no topónimo *Bouro*, exatamente o deus celta *Bouro*; em *Cubide*, o deus criança romano Cupido; e em *Cabo de Lugo*, em S. Sebastião, na Jeira, na Balança, o deus máximo celta Lugo.

Por fim, que mensagem gostaria de deixar às gerações mais novas que vivem ou visitam a serra, muitas vezes sem conhecerem a profundidade histórica e simbólica do que as rodeia?

Dir-lhes-ia, então, que ao subirem a uma alta fraga gozem a esplêndida natureza que à volta se estende, onde há imenso a ver e ainda mais a conhecer. A minha sensibilidade à linguística histórica acrescentaria que esta paisagem se torna ainda mais bela e de mais interesse se conseguirmos concebê-la em perspetiva vertical, isto é, não só aquilo que está à nossa vista mas também como foi ao longo dos tempos. E que o que de humano aí chegou veio das populações e respetivos antecessores das aldeias situadas ao fundo dessas alturas. E se nelas entrarem, conversarem e lhes dedicarem respeitosa e amável atenção, enriquecem-se com conhecimentos da sua vida. A mim foi-me muito gratificante andar com eles no seu meio. Foi uma extraordinária experiência social, só superada por uma mais intensa e mais desafiante que tivera em Moçambique, de mais de 100 dias e noites que passei com o meu pelotão em reconhecimentos no meio dos macondes, dormindo sob as árvores das suas aldeias, em camas leves, frescas e cómodas (chamavam-lhes *quitandas*) que amavelmente me traziam. Era uma civilização tão diferente! E foi tão bom conhecê-la o mais que pude! Agradeço aos professores Jorge Dias, Viegas Guerreiro e Margot Dias o que me deram a conhecer sobre eles.

O rio Arado

Sérgio Gonçalves



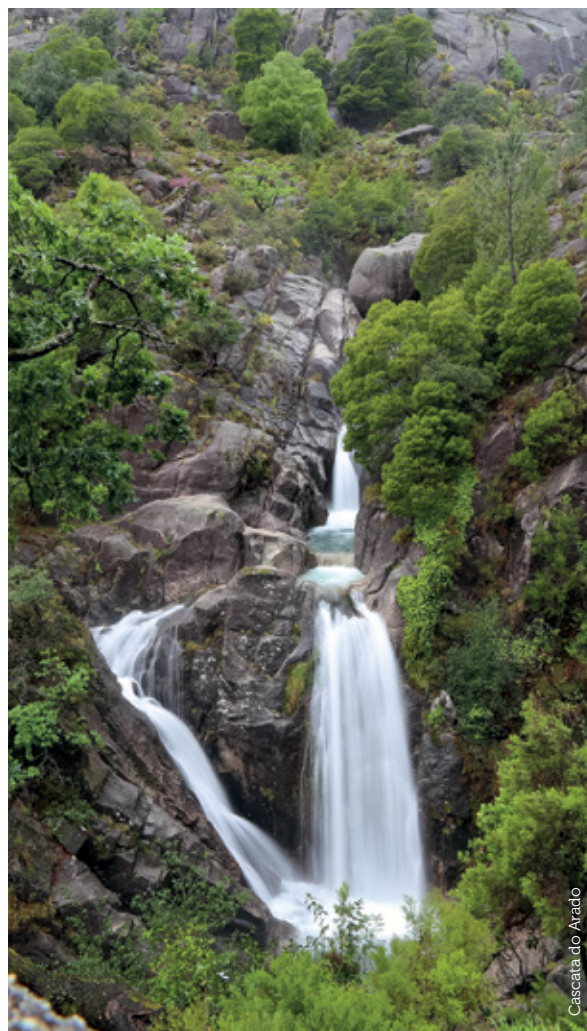


O rio Arado nasce na Serra do Gerês e é um subafluente do rio Fafão que por sua vez irá confluir no rio Cávado. A sua proximidade com o rio Teixeira faz com que sejam frequentemente considerados o mesmo rio, pois as suas águas confluem antes da cascata do Arado, tornando-se um único curso.

O rio Arado nasce e percorre por uma corga que tem origem próximo da cabana da Arrocela, enquanto o rio Teixeira percorre o vale homónimo, nascendo na região da cabana do Camalhão. Se o considerarmos como um único curso de água, destacam-se os prados da Teixeira, um vale impressionante onde se situam a cabana do Camalhão e a cabana da Teixeira. Estes locais têm sido utilizados há séculos na prática comunitária da Vezeira.

O rio Arado é um destino muito procurado por turistas e visitantes devido aos seus deslumbrantes cenários de águas límpidas e cristalinas, que serpenteiam pelos meandros da Serra, criando locais de referência única como a cascata do Arado, a cascata do Teixo, a cascata da Rajada e outros locais deslumbrantes.

O acesso à cascata do Arado é possível de carro. Porém, o último quilómetro é feito através de um caminho em terra batida até à ponte sobre o rio Arado. Este local é muito procurado pelos amantes da prática de canyoning, desporto que consiste na exploração progressiva de um rio, transpondo obstáculos verticais e anfíbios através de diferentes técnicas e equipamentos.



Cascata do Arado



Ponte do Rio Arado

Descendo pelas margens do rio, encontramos a cascata que leva o mesmo nome, de beleza singular. A queda de água forma uma sucessão de cascatas únicas entre as rochas. Na margem esquerda, há um miradouro que torna o local especialmente atraente para os amantes da fotografia. Logo a seguir, uma ponte sobre o rio serve como ponto de observação privilegiado para quem visita o rio Arado.

No alto da margem direita do rio, ergue-se o miradouro das Rochas, um lugar de beleza deslumbrante. Dali, é possível contemplar um trecho do curso do rio Arado, enquanto as sombras das encostas desenham delicadas linhas na paisagem montanhosa.

Prosseguindo a descida, deparamo-nos com mais uma impressionante queda de água, a cascata do Teixo, que despeja as suas águas cristalinas numa pequena lagoa. Logo adiante, surge outro marco emblemático desta região montanhosa: a cascata da Rajada, situada nas proximidades da aldeia comunitária da Ermida.

Para continuar a admirar os meandros do rio, encontramos o miradouro das Silhas, localizado na margem direita do rio, oferecendo uma vista privilegiada da paisagem.

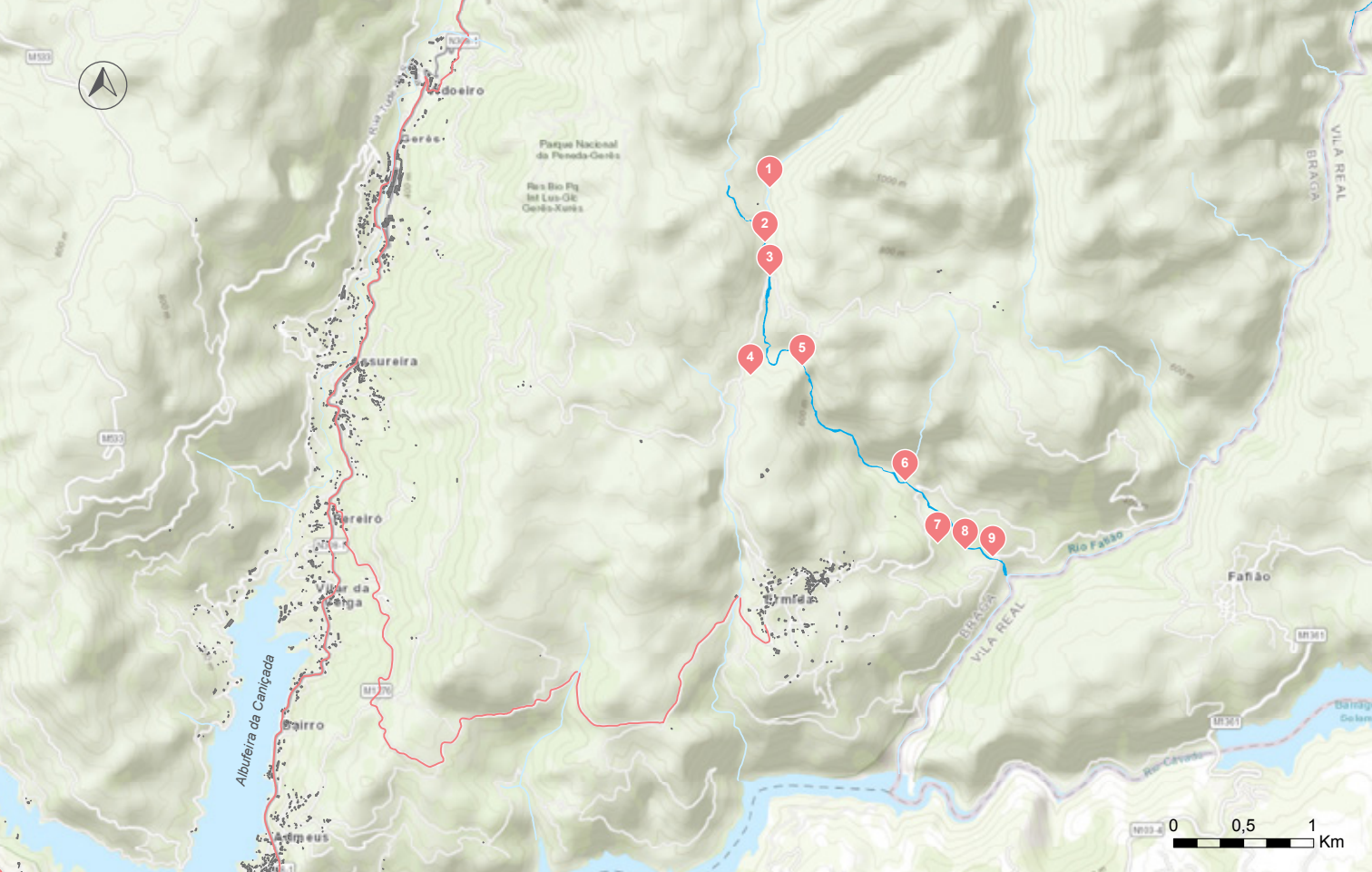
O rio Arado deslumbra-nos ao descer pela paisagem, moldando-a com as suas águas que formam cascatas e poços únicos da Serra do Gerês. Pelo caminho, surge a ponte das Relvas, que atravessa o curso do rio. A jornada continua até às Fechas das Barjas, um lugar singular que atrai milhares de turistas e visitantes, oferecendo um cenário deslumbrante e único para montanhistas e entusiastas da fotografia. A partir deste ponto, o rio Arado junta-se com o rio Fafião, marcando o limite do território municipal e distrital.



Cascata do Teixeira



Trilho do Sobretudo da Ermida



Cascata da Rajada

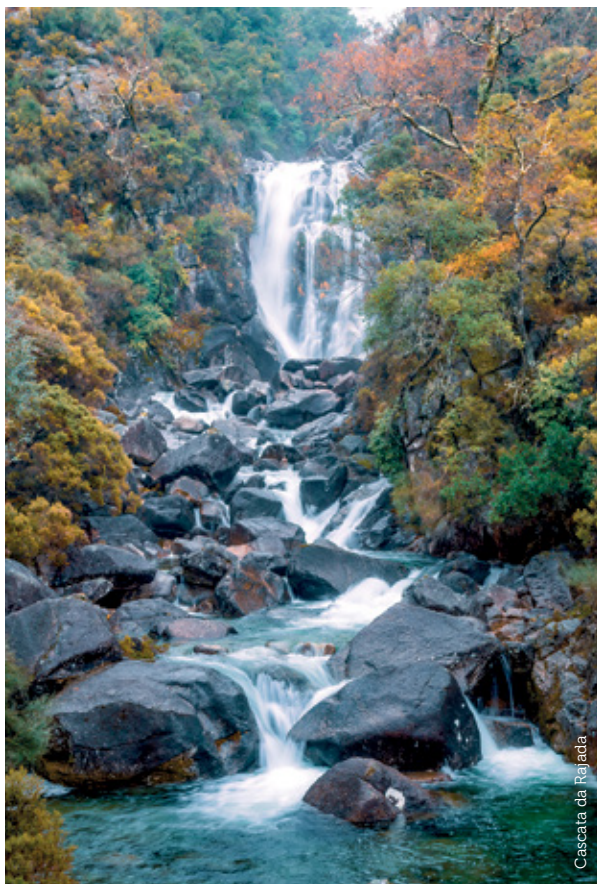
Legenda



- 1 Corga da Giesteira
- 2 Cascata do Arado
- 3 Ponte do Rio Arado
- 4 Miradouro das Rocas
- 5 Cascata do Teixeira
- 6 Cascata da Rajada
- 7 Miradouro das Silhas
- 8 Ponte das Relvas
- 9 Fecha de Barjas



Corga da Giesteira



Cascata da Rajada



Fecha de Barjas

VIAGEM NO TEMPO



Tesouros do Gerês: O Núcleo Museológico de Campo do Gerês

A Geira - Património cultural e natural português,
classificado como Monumento Nacional

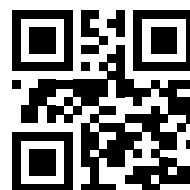
Cristóvão Carvalho
*Município de Terras
de Bouro*





No coração verde do concelho de **Terras de Bouro**, porta de entrada do **Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG)**, encontra-se o **Núcleo Museológico de Campo do Gerês**, um complexo essencial para a compreensão da história, cultura e natureza desta região. Mais do que um mero ponto de visita, este núcleo tripartido é o guardião de um legado inestimável e um poderoso motor para o **fomento do turismo** de qualidade no território.

Site
GEIRA.PT





MUSEU DA GEIRA

Integrado por três espaços distintos e complementares, a visita ao Núcleo Museológico é uma verdadeira viagem no tempo e pela paisagem:

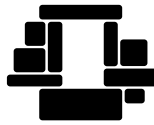
1. O MUSEU DA GEIRA: A HISTÓRIA À BEIRA DA ESTRADA

O **Museu da Geira** celebra a milenar Via Romana, a Via Nova ou Via XVIII, que ligava Bracara Augusta (Braga) a Asturica Augusta (Astorga, Espanha). Este museu foca-se no riquíssimo património arqueológico de Terras de Bouro, concelho que preserva um dos troços mais bem conservados das Vias Romanas, como o comprova a quantidade de marcos miliários ainda presentes ao longo do seu traçado. Através de maquetes e espólio, o museu explica as técnicas de construção, o comércio e a vida quotidiana ao longo desta importante artéria do Império Romano. Trata-se de um testemunho vivo da profunda ligação da região à história europeia e um ponto de partida obrigatório para quem deseja percorrer os troços da Geira, reforçando o concelho como um destino de **turismo histórico e de natureza** de relevo internacional.



Vídeo
**VIA ROMANA
XVIII - A GEIRA**





VILARINHO
DA FURNA

2. MUSEU ETNOGRÁFICO DE VILARINHO DA FURNA: A MEMÓRIA SUBMERSA

Numa homenagem à aldeia comunitária submersa pelas águas da barragem, o **Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna** cumpre a nobre missão de salvaguardar uma cultura que se recusou a desaparecer. O espólio concentra objetos, ferramentas e documentos que ilustram a **ruralidade genuína**, o setor agrário e as **tradições comunitárias** dos habitantes da extinta aldeia de Vilarinho da Furna. Trata-se de um registo emotivo da vida doméstica, do espírito de entreaajuda e da resiliência de um povo. Ao preservar a **memória coletiva** e a identidade local, o museu afirma-se como um pilar da **promoção cultural** de Terras de Bouro, oferecendo ao visitante uma perspetiva humana e profunda do seu património etnográfico.









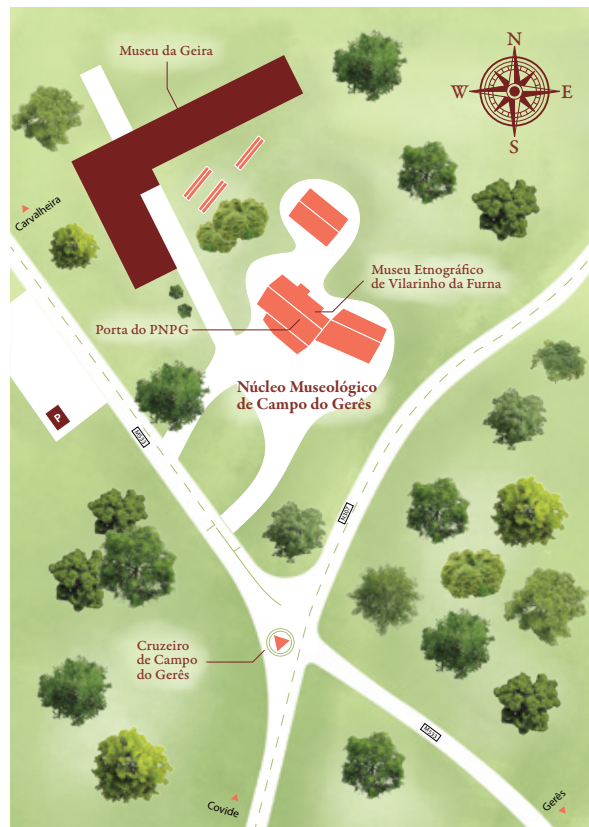
PORTA DE
CAMPO
DO **GERÊS**
TERRAS DE BOURO

3. PORTA DO PNPG - CAMPO DO GERÊS: A JANELA PARA A NATUREZA

A **Porta do Parque Nacional da Peneda-Gerês** funciona como um centro de acolhimento e interpretação para todos os que se aventuram na área protegida. É o espaço vocacionado para a **educação ambiental** e para fornecer informação sobre os **valores naturais e culturais** do PNPG: a biodiversidade, a geologia, os percursos pedestres e as normas de conservação. Fundamental para o **turismo sustentável**, a Porta orienta o visitante, promovendo um comportamento mais consciente e responsável perante a beleza frágil do Gerês, garantindo que o desenvolvimento turístico coexiste com a **preservação do património natural**.

O Núcleo Museológico de Campo do Gerês é um pilar na **valorização e promoção** de Terras de Bouro. Ao concentrar num só local o património romano, a memória etnográfica e a vertente natural, cria uma oferta turística coesa e enriquecedora.

Estes espaços não só conservam o passado, mas também o projetam para o futuro, atraindo visitantes que procuram uma experiência de **turismo cultural e de natureza** autêntica. Desta forma, o Núcleo Museológico desempenha um papel crucial no reforço da identidade do concelho, na dinamização da economia local e na afirmação de Terras de Bouro como um destino turístico sustentável, capaz de aliar o desenvolvimento económico à preservação rigorosa do seu património único.







Mais do que Paisagens: 5 Lições Surpreendentes do Parque Nacional da Peneda-Gerês

Sónia Almeida - ADERE PG

Quando pensamos no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), a mente viaja de imediato para imagens de cascatas cristalinas, vales verdejantes e aldeias de pedra que parecem paradas no tempo. É um santuário de beleza natural, o único território em Portugal com a classificação de Parque Nacional. Mas a sua história mais fascinante e impactante não está apenas nas paisagens.

Escondido por detrás da beleza natural, existe um laboratório de inovação social e ambiental. O PNPG é um exemplo pioneiro de como a gestão de uma área protegida pode ir muito além da conservação, tornando-se um motor de desenvolvimento regional, coesão social e inspiração para todo um país.

Com este artigo pretendo apresentar as cinco lições mais surpreendentes que o modelo de gestão do PNPG tem para ensinar, mostrando que o seu maior tesouro talvez não seja a flora ou a fauna, mas sim um modelo de governação que coloca as pessoas no centro da conservação.



1. UM MODELO DE SUCESSO TÃO GRANDE QUE INSPIROU A LEI NACIONAL!

Um projeto local, desenvolvido ao longo de anos numa área protegida, que se revela tão eficaz e transformador que o governo decide utilizar para criar uma lei para todo o país (o Modelo de Cogestão das áreas protegidas). É um feito raro e de um impacto tremendo. Foi exatamente isso que aconteceu com o Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Durante anos, o PNPG aperfeiçoou uma abordagem participativa para gerir o turismo, seguindo a metodologia da Carta Europeia de Turismo Sustentável (CETS). Este modelo, focado no envolvimento direto das comunidades locais, autarquias e empresários, deu provas de ser um sucesso. O reconhecimento deste sucesso foi tão inequívoco que serviu de inspiração direta para a Lei n.º 116/2019, que veio definir o modelo de cogestão para todas as áreas protegidas de Portugal.

Nas palavras do avaliador internacional da CETS aquando do processo de revalidação da certificação do Território como Carta Europeia de Turismo Sustentável, o sucesso do PNPG foi um catalisador para uma mudança a nível nacional:

"... uma lei nacional que parece ter sido influenciada pela anterior experiência bem-sucedida do PNPG com a metodologia da CETS."

Isto significa que a forma como hoje se pensa a gestão participativa dos parques e reservas naturais em Portugal tem as suas raízes na experiência e na aprendizagem acumuladas no território do PNPG.

2. UMA ESTRUTURA DE GOVERNANÇA CONSIDERADA UM EXEMPLO PARA A EUROPA!

A gestão de uma área tão vasta e diversificada como o PNPG exige uma estrutura de governação robusta. O modelo do Parque assenta numa arquitetura multinível que, à primeira vista, pode parecer complexa, mas que já foi considerada como um exemplo de "melhor prática" (*best practice*).

Esta estrutura inclui uma Comissão de Cogestão como órgão decisor principal, uma Unidade de Apoio técnico-científica (estrutura de Apoio) e Grupos de Trabalho temáticos. O que torna este modelo exemplar é o seu pragmatismo. Garante que as vozes de todos os agentes do território — desde as comunidades locais, passando pelos empresários do turismo e chegando às associações ambientalistas — não são apenas ouvidas, mas têm um poder real e efetivo na definição do futuro do parque.

3. ONDE O TURISMO PAGA DIRETAMENTE PELA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA!

Numa área em que a economia da conservação debate frequentemente o problema das "externalidades positivas" — onde a beleza da natureza é um bem gratuito e, por isso, vulnerável à sobre-exploração —, o PNPG oferece lições práticas sobre como fechar este ciclo. O seu modelo incentiva e materializa a ideia de que quem visita e beneficia do território deve ajudar a preservá-lo, mostrando um modelo onde o turismo não é apenas sustentável mas ativamente regenerativo, criando um ciclo virtuoso em que a atividade económica financia a proteção do capital natural que a torna possível.

4. O PARQUE COMO UM AGENTE DE UNIÃO SOCIAL E CULTURAL!

O Parque Nacional da Peneda-Gerês não é um território homogêneo. É um *"ecossistema humano variado"*: abrange territórios distintos, cada um com as suas próprias tradições usos e costumes, níveis de desenvolvimento económico e intensidade turística distintos.

Num contexto destes, seria natural esperar divisões ou competição. No entanto, o que se observa é o contrário. A existência do Parque e do seu modelo de gestão partilhada funciona como um **poderoso elemento unificador**. Apesar das diferenças, as várias comunidades, autarquias e agentes económicos encontraram no Parque uma identidade comum e uma plataforma para colaborar. Destaca-se a existência de um *"bom nível de cooperação"* entre estas regiões distintas, provando que uma área protegida pode ser muito mais do que um espaço geográfico — **pode ser um catalisador de coesão social e cultural, unindo pessoas em torno de um objetivo comum.**

5. O PARADOXO DA POPULARIDADE: QUANDO O SUCESSO TRAZ DESAFIOS!

Pode o sucesso ser um problema? No caso do PNPG, a sua maior vantagem é também um dos seus maiores desafios. Uma das "principais fraquezas" identificadas não é a falta de visitantes, mas o excesso em determinados momentos e locais.

A proximidade a grandes centros urbanos como Braga (a 1 hora de distância) e o Porto (a 1,5 horas) gera um "enorme fluxo de excursionistas de um dia", especialmente aos fins de semana. Esta popularidade, embora positiva do ponto de vista económico, cria uma pressão significativa sobre as áreas mais sensíveis, como lagoas e matas, gerando desafios de gestão de resíduos, tráfego e capacidade de carga dos ecossistemas.

No entanto, este paradoxo demonstra a maturidade do modelo de gestão do parque. O desafio não está a ser ignorado. Isto revela uma abordagem proativa e baseada em dados, focada não apenas em atrair visitantes, mas em gerir os fluxos para que a popularidade não destrua precisamente aquilo que as pessoas vêm procurar: **a natureza e a tranquilidade.**

Parque Nacional da Peneda-Gerês: Mais do que um Destino, Uma Inspiração!

As lições do Parque Nacional da Peneda-Gerês mostram que este território é muito mais do que um destino turístico de excelência. É um laboratório vivo de desenvolvimento sustentável, um estudo de caso em governação participativa e um exemplo de como a harmonia entre o ser humano e a natureza pode ser planeada, gerida e alcançada.

O PNPG é uma "área de exposição ideal" para demonstrar a eficácia de um modelo de turismo sustentável. Ensina-nos que a conservação não se faz contra as pessoas, mas com elas, transformando as comunidades locais nos principais guardiões do seu património.

E se o futuro de todas as nossas áreas protegidas passasse menos por regras impostas e mais por responsabilidades partilhadas?



Termalismo nas Caldas do Gerês

António Afonso

A utilização das águas termais para fins medicinais remonta, pelo menos, ao tempo da antiguidade clássica. Na verdade, o termo SPA, largamente utilizado na atualidade para designar um complexo balnear, apresenta-se com duas origens diferentes, as quais remontam ao tempo dos romanos. Segundo alguns autores, trata-se das iniciais da expressão latina *salus per aquam* (SPA), ou seja, «a saúde/cura através da água»; para outros, advém do nome da cidade belga **Spa**, conhecida pelo circuito famoso de fórmula 1, *Spa-Francorchamps*, que, no tempo dos romanos, se denominava *Aquae Spadanae*.

Os romanos foram grandes utilizadores de águas termais, tendo construído edifícios imponentes, cujas ruínas chegaram até à atualidade, como as famosas termas de Caracala, em Roma, ou os complexos balneares de *Baden-Baden*, na Alemanha, ou *Bath*, na Inglaterra. Em Portugal, dispunham de balneários em quase todas as cidades, como documenta a descoberta, em 2006, do balneário termal de *Aquae Flaviae* (Chaves).

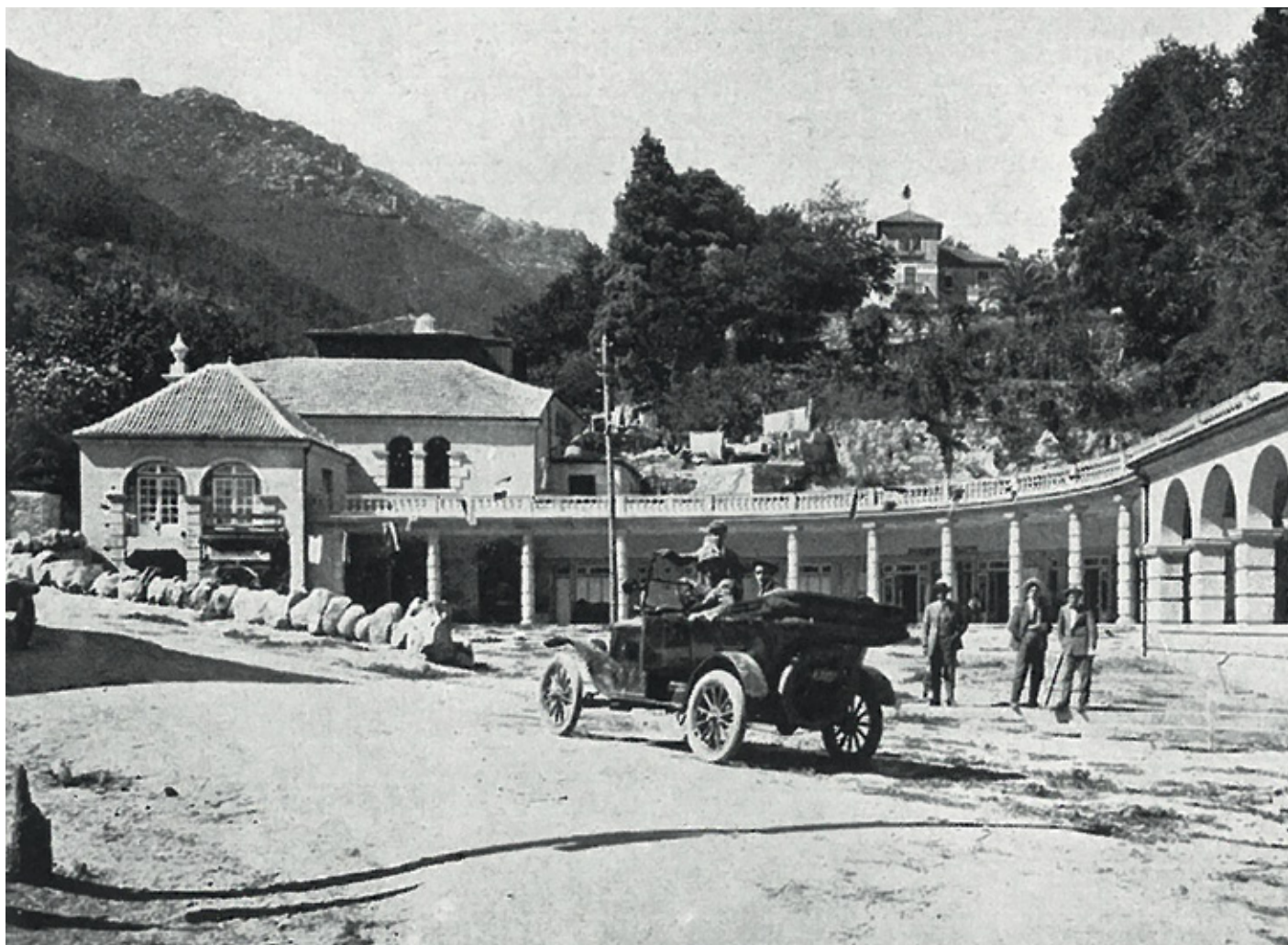
As águas termais do Gerês, embora durante muito tempo se pensasse de modo diferente, também foram utilizadas pelos romanos. Aquando da demolição dos poços antigos para construção de um balneário novo, no final do século XIX, foram encontradas moedas dos imperadores *Licinius Egnatius Callienus* (260-268 d. C.), *Caius Flavius Valerius Aurelius* e *Claudius Constantinus* (306-337 d. C.). Este facto é sustentado pelo topónimo da freguesia de Rio Caldo, *rivus calidus*, ou seja, “rio quente”, uma vez que por ele corriam as águas termais do Gerês.

A utilização das águas termais do Gerês fundamenta a tese da existência de uma via romana secundária que, atravessando o Cávado a montante de Bouro (Santa Maria), seguia para Rio Caldo - de onde partia um ramal até ao Gerês -, atravessava o Rio de Freitas no lugar da Seara ou no de Touro e seguia pela margem esquerda do atual rio de Freitas até Covide, onde se encontrava com a Geira (Via Nova). Esta via infere-se, como regista José Matoso, a partir da carta de doação de couto ao mosteiro de Santa Maria de Bouro: «Bouro dominava a vertente sul da serra do Gerês, não muito longe da estrada romana da Geira, que ligava Braga a Astorga, e corria mais a norte. A *strata* de que fala a carta de couto e as duas *portellae* de *Amenedelum* [Mindelo] e de Paradela, também mencionadas na carta de couto, mostram claramente que os monges estavam bem servidos de comunicações, e podiam, sem dúvida alcançar as vias mais importantes». Com uma ligação a Rendufe passando pela Abadia, seria uma das principais vias de peregrinação da Idade Média que se manteve até aos nossos dias (caminho da Senhora da Abadia e, a partir de meados do séc. XVIII, de S. Bento da Porta Aberta, Rio Caldo).

Ter-se-á seguido, como referimos no nosso livro sobre as Caldas do Gerês¹, «um período de abandono: época visigótica, domínio árabe e primeiros séculos da nacionalidade, uma vez que só foram encontrados vestígios da presença humana (moedas portuguesas) entre os séculos XIII

¹ AFONSO, António José Ferreira (2021): *Instituições Geresianas (1677-1944)*, ed. do autor, p. 17.





e XV». Do século XVI e primeira metade do século XVII, não temos notícia da utilização destas águas, visto que, em 1527, aquando do levantamento do número dos moradores na região de Entre Douro e Minho, a caracterização do concelho de Ribeira de Soás - ao qual pertencia o território da atual freguesia de Vilar da Veiga - não refere a existência das águas termais nesta freguesia, o que só virá a acontecer no ano de 1677, redescoberta que podemos considerar tardia.

Luiz Acciaioli, em *Águas de Portugal*, afirma: “O cirurgião do Partido, José Luís da Silva Boavista, respondendo aos *Quesitos de 1867*, diz que foram as Caldas [do Gerês] descobertas em 1677, pouco mais ou menos, tem «casas de comodidades passageiras, todas de aluguer, talho de vitela diariamente»”.

Existem duas versões sobre a redescoberta das águas termais do Gerês na segunda metade do século XVII. Silva Boavista, depois de descrever o local e a nascente, e cito, «na base desta, sobressai uma rocha, cerca de três metros de altura e sete de comprimento, de cujas entranhas sai o antídoto portentoso, que tem sido o remédio eficaz para muitos, e o alívio para

todos – as águas do Gerês», atribui a redescoberta a um cirurgião de Covide, Manuel Ferreira de Azevedo, que «teve a feliz ideia de as analisar, de cujo estudo resultou o conhecimento da sua grande utilidade e importância, o que foi logo posto em prova; porque ele mesmo trilhando as pisadas da rês, por não haver outro caminho, conduziu para ali alguns enfermos». Segundo Rocha Brito, o cirurgião chamava-se Manuel Vieira de Lemos e a existência das águas termais foi-lhe comunicada por pastores.

Segundo a tradição, que chegou até nós por intermédio de Martins Tude de Sousa, a descoberta deveu-se a uns salteadores: «Há tradição que assaltando uns salteadores o lugar de Vilar da Veiga e querendo os moradores dele prendê-los o não conseguiram por se refugiarem nos espessos e dilatados matos, para escaparem às justas prisões, e com o auxílio da noite e tomando descanso no sítio da nascente das ditas águas aproveitando-se do calor do sítio para mitigar o grande frio que experimentavam, tanto que amanheceu admirando este prodígio e de sua utilidade a enfermos, continuando seu caminho pela eminência da Serra da parte do poente, do mais



Colunata Honório de Lima
Fonte: « Ilustração Moderna, 1926 »

alto dela descobriram o lugar de Covide, distante pouco mais de uma légua onde foram comer e descansar e ali deram a notícia de terem descoberto as ditas águas, o que, sabido por um Cirurgião chamado Manoel Ferreira de Azevedo, averiguou esta verdade e para o conseguir induziu os moradores de Vilar da Veiga a lançarem fogo àqueles matos e abrindo caminho acharam os ditos mananciais os quais indagando-os fez experiências com doentes paralíticos há anos e os prodigiosos efeitos fez publicar suas maravilhas e virtudes aos povos vizinhos continuando a sua propagação».

Independentemente da discussão acadêmica sobre a redescoberta das águas termais, a verdade é que, no início do século XVIII, as águas mineromedicinais do Gerês já tinham uma procura significativa, não obstante a falta de condições.

Ao contrário do que, por vezes, se afirma, o primeiro monarca a interessar-se pelas Caldas do Gerês foi o rei D. Pedro II, que assinou um alvará autorizando o lançamento de um imposto extraordinário (finta) para financiar alguns dos investimentos a realizar, nomeadamente a construção de uma casa com tanque para banhos e a melhoria das acessibilidades, cujo custo seria repartido pelas câmaras dos concelhos minhotos. Os primeiros investimentos ocorreriam, apenas, durante o reinado de D. João V, como refere o pároco de Vilar da Veiga na sua memória de 1758: «em uma concavidade desta serra da parte do Nascente para a parte do Poente, nasce um cachão de



Capela de Santa Eufémia

água cálida a qual tem especial virtude para curar *combulações, stupor, gotas, reumatismos e muitos achaques*». Escreve que as fontes são cinco e já muito procuradas pelos enfermos nos meses de junho a setembro, acrescentando que existem alguns edifícios para «acomodação do povo», capelão e médico «tudo por ordem de Sua Majestade», o rei D. João V.

As obras realizadas por determinação do monarca foram a construção de quatro tanques de granito, uma capela, um hospital e a melhoria das acessibilidades, ou seja, uma ponte a ligar as freguesias de Ventosa e Rio Caldo. A capela era muito pequena (4,5 m de comprimento e 2,5 m de largura) e teve de ser ampliada e reconstruída aquando da construção da avenida; o hospital não passou dos alicerces; e a ponte, construída por volta de 1739 e denominada ponte de Frieira, seria destruída pela força das águas no ano de 1742.

Se D. João V foi o grande impulsionador do desenvolvimento da vila termal do Gerês, a verdade é que, como refere a placa que se encontrava colocada por cima dos banhos e datada de 11-4-1735, as obras foram custeadas pelo povo: «Estas obras mandou fazer El-Rei N. S. D. João V à custa dos povos, sendo superintendente delas o Dr. Gaspar Pimenta do Avelar, provedor da comarca de Guimarães, e, para se fazerem, concorreu com muito zelo o Dr. Francisco Pereira da Cruz, deputado do Santo Ofício e desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa».

Como referimos em *Instituições Geresianas (1677-1944)*, «o grande desenvolvimento do Gerês ocorre no início do século XIX, quando, na sequência de uma provisão régia, o inspetor das Caldas do Gerês, Francisco Barroso Pereira, realiza uma correição às Caldas do Gerês, tendo recebido, da parte do facultativo [médico], José Dias dos Santos, um plano de melhora-



Avenida Manuel Francisco da Costa, início do séc. XX



Estabelecimento termal de 1.ª e 2.ª classes
Fonte: « Ilustração Moderna, 1926 »

mentos dividido em dois capítulos: os do primeiro, da exclusiva responsabilidade do provedor da comarca de Guimarães; os do segundo, mais onerosos, necessitavam do apoio real».

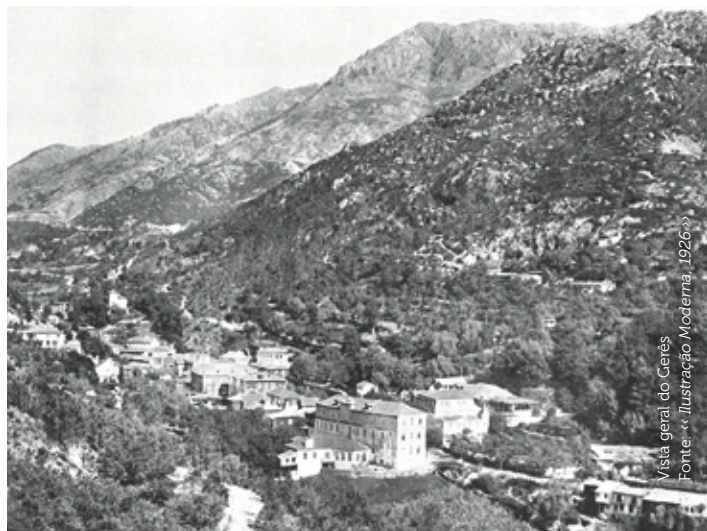
Em meados do século XIX, as estâncias termais passam a ser vistas como uma mais-valia para o tratamento de muitas doenças e uma oportunidade de desenvolvimento turístico da região. Administradas, muitas vezes, por municípios de pequena dimensão, como Ribeira de Soás, Vieira do Minho ou Terras de Bouro, careciam de investimentos que as tornassem modernas e atrativas.

Na sequência de vários pedidos de concessão por parte de conhecedores do potencial terapêutico das águas termais do Gerês, como «Paulo Marcelino Dias de Freitas, médico e professor, Adolfo de Sousa Reis, químico, Manuel Joaquim Gomes, proprietário e capitalista, Ricardo de Almeida Jorge, médico e professor», o Governo decidiu abrir um concurso público para a sua concessão a privados. Assim, por Portaria de 24-11-1887, retira a administração das águas termais ao Município de Terras de Bouro para as poder concessionar, o que acontece por publicação no «Diário do Governo» de 14 de agosto de 1888.

Entretanto, é constituída a Companhia das Caldas do Gerês, também denominada «Companhia dos Banhos do Gerês», à qual, em julho de 1889, é atribuída a concessão das águas termais do Gerês, e que tinha o Dr. Ricardo Jorge como «diretor gerente efetivo». O projeto apresentado a concurso era grandioso, mas, infelizmente, não saiu do papel devido a «dificuldades económicas» e a um grave desentendimento entre os sócios da empresa que os levaria à barra do tribunal e à falência da empresa.



Vista geral do Gerês
Fonte: « Ilustração Moderna, 1926 »



Vista geral do Gerês
Fonte: « Ilustração Moderna, 1926 »



Os tanques / poços com a típica cobertura cônica - Fonte: AMTBR

Realizada, em 1893, uma inspeção ao cumprimento do contrato de concessão, verificou-se que os promotores não tinham cumprido as cláusulas contratuais, o que implicou, em 1894, a rescisão do contrato com a Companhia das Caldas do Gerês e a abertura de um novo concurso, no qual o Governo disponibilizou um anteprojecto para a construção de um «estabelecimento hidroterápico». Este concurso não teve concorrentes.

É neste contexto que emerge a Empresa das Águas do Gerês, actual concessionária e sucessora da sociedade comercial constituída em 1896 e denominada “Santos & Companhia”, que tinha, como figura proeminente, Augusto António dos Santos Júnior, médico portuense.

PORTEFÓLIO

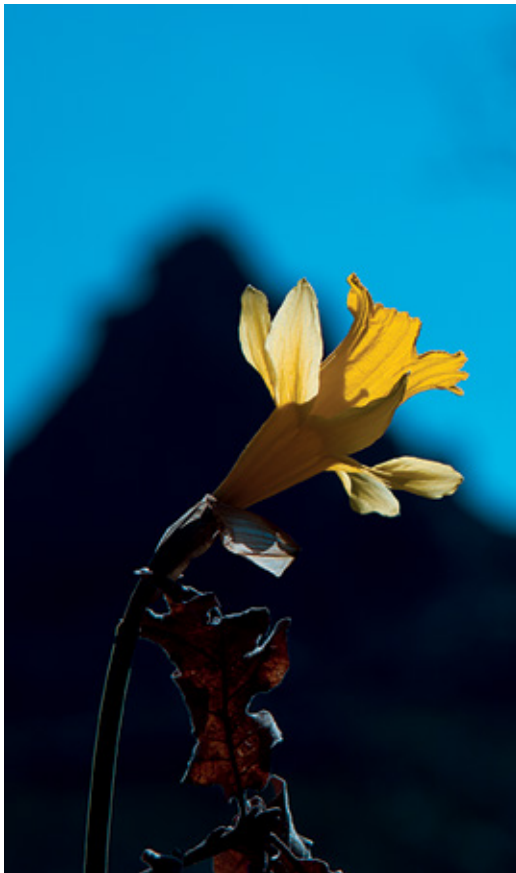
"Encantos Serranos" Parque Nacional da Peneda-Gerês

Texto · Vasco Mota

Fotografias · Luís Borges







O homem de horizonte no horizonte da sua objetiva, capta com alma e coração a beleza que o Gerês não revela a todos que o percorrem. Muitos são os que caminham, porém poucos são capazes de imortalizar momentos únicos e de extraordinária beleza desse caminhar.

Em fins de semana consecutivos a mochila encorpada, a máquina fotográfica e as polainas estão sempre prontas para percorrer trilhos conhecidos e orientados pelas mariolas encantadas. A estes vai acrescentando novas odes, novos caminhos, que desbrava com indómito espírito de aventura e paixão.

A fotografia nasce e revela-se, sendo o ato de fotografar não um mero registo automático, mas uma manifestação emocional em que a ocasião se mistura numa simbiose perfeita com a criação. Desta emerge a arte em cor, forma, perfil e sentimento. Pela qual vemos na encosta serrana, perfiladas, as cabras montesas de espetro atento e desconfiado, mas que o silêncio respeitador do fotógrafo as conquista. Contemplamos o esplendor das esculturas graníticas, recônditas, a que devolve vida e forma. Deslizamos os olhos por vales multicolores e encantados (Mata da Albergaria) das encostas da serra. Assistimos à devoção do rosto popular, na orla serrana, a contrastar com o profano da serra numa celebração de carnaval.

Registos que são o elemento de um artista na profissão e na vida.





Os caminhos que percorre por vales, estreitos e sinuosos, numa passada segura, nada deixa ao acaso, pois na sua simplicidade, que o caracteriza, toda a planta (*narcissus rupicola*, *narcissus postensis*, orquídea selvagem), todo o ser vivo é batizado com o seu saber que partilha abnegadamente com quem o acompanha. Daí que as suas fotografias exalam vida e cor como quadros vivos, dando-nos a conhecer um Gerês genuíno. Por entre as brumas da serra perscruta o perfil, em pedra rugosa, do Galo Montês que outrora foi dono de uma região sem predador que só um olho perspicaz é capaz de dar forma e vida.

Assim, semana após semana, mês após mês e ano após ano vai desvendando novas formas em imagens únicas, diferentes, que em comum todas têm “o dedo no botão e o olho no coração”, como o profere a sorrir.





O instante do tempo, da região e do mundo geresiano são captados num só. Esta fusão tanto se revela no Marco d'Anta como no Prado do Conho. Firme e determinado na sua missão, revela-nos os segredos da natureza por onde passa, sendo disso exemplo as fotografias da Fecha de Monção, um verdadeiro portal do mistério, o pontilhado da neve da Serra Amarela, a Portela de Leonte num contraste sombreado, o rio Maceira de níveos cabelos que nos encantam a alma.

A jornada nunca está acabada, pois a demanda é contínua. Deste modo, o Gerês vai sendo revelado gradualmente e sem pressa, tal como a natureza o impõe e o permite. Cada imagem transforma-se numa narrativa aberta, qual recanto de Torga ou num cântico poético como o Vale do Rio Homem.

Imagem após imagem o fotógrafo, poeta e narrador, vai tecendo a história de um Gerês ainda jovem, traçando-lhe o perfil e a identidade.















António Cunha, Vereador da Câmara Municipal de Terras de Bouro e Professor da Escola Profissional Amar Terra Verde



Terras de Bouro: Onde a Natureza e a Espiritualidade convergem num único território Sagrado

António Cunha

“Na natureza, sinto uma presença que me eleva acima de mim mesmo.” - *William Wordsworth*

O **Parque Nacional da Peneda-Gerês** é, para muitos, mais do que um território natural, um espaço onde a beleza, a imponência da paisagem e a sensação de transcendência se encontram. Miguel Torga descreveu-o como uma “**genialidade da natureza**”, uma síntese perfeita de forças e contrastes que despertam no visitante o silêncio interior e o sentimento de pertença a algo maior.

Terras de Bouro, situado no coração deste património natural, é também um território marcado por profundas tradições espirituais. Aqui, o turismo de natureza e o turismo religioso não são mundos separados - coexistem, dialogam e enriquecem-se mutuamente.

Desde há séculos que Terras de Bouro é lugar de peregrinação. O Santuário de S. Bento da Porta Aberta, um dos mais visitados do país, é centro de devoção, promessa e encontro. A poucos quilómetros, o Bom Jesus das Mós ergue-se como um refúgio de silêncio, humilde e acolhedor, observando a serra em redor. Pelas aldeias, capelas e igrejas guardam histórias, memórias e práticas religiosas que fazem parte da identidade das comunidades locais.

Estes espaços sagrados não são apenas símbolos de fé: são pontos de ancoragem humana num território onde a espiritualidade se vive também através da própria paisagem.

Terras de Bouro tem, na natureza que o rodeia, uma dimensão que ultrapassa a simples contemplação estética. No coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês, a grandiosidade das montanhas, a pureza da água, a luz que se reflete nos vales e o silêncio que envolve os trilhos despertam uma espiritualidade que muitos descrevem como uma forma de oração aberta.

Enquanto a **religião procura o divino no invisível**, a **natureza revela-o no visível**. Aqui, o sagrado não está apenas nos altares: está na linha do horizonte, no voo das aves, no rumor das folhas, no cair de uma cascata e na presença serena dos garanos que habitam a serra, símbolos vivos da liberdade e da harmonia natural.

É por isso que, para muitos visitantes, caminhar no Gerês é uma experiência profundamente interior - uma peregrinação em direção ao equilíbrio e à serenidade.

A relação entre turismo de natureza e turismo religioso no concelho pode ser vista como um paralelismo simbólico: **S. Bento da Porta Aberta** funciona como o grande santuário espiritual, ponto de convergência de fé, emoção e tradição e o **Parque Nacional da Peneda-Gerês** é o grande santuário natural, onde o viajante procura contemplação, silêncio e ligação com o essencial.

E tal como o território está repleto de pequenas capelas e igrejas que guardam devoções discretas, também a paisagem está repleta de recantos únicos - miradouros escondidos, prados silenciosos, ribeiros secretos, bosques ancestrais - espaços que funcionam como pequenas "capelas naturais", locais de refúgio, pausa e contemplação.

Assim, o sagrado multiplica-se tanto nas construções humanas como nos espaços naturais.

Em Terras de Bouro, quem chega por fé acaba por descobrir a natureza. E quem chega pela natureza acaba por encontrar a espiritualidade do território.

O concelho torna-se assim um destino raro, onde a experiência turística pode integrar o corpo e o espírito, a caminhada e a meditação, a devoção e a contemplação. Aqui, visitar não é apenas ver: é sentir, parar, escutar e reencontrar-se.

A ligação entre turismo religioso e turismo de natureza em Terras de Bouro não é uma coincidência: é a expressão viva de um território onde a espiritualidade tem múltiplos caminhos. O sagrado encontra-se tanto no interior de um templo como no cume de uma montanha; tanto num momento de oração como numa pausa diante da paisagem.

Terras de Bouro convida-nos a essa dupla peregrinação - interior e exterior - revelando-se como um concelho onde a natureza é templo e onde os templos se integram na natureza.

Um lugar onde o divino se sente, se vê e se vive.

GERÊS PROFUNDO

Uma jornada aos Prados da Messe





Os Prados da Messe perfilam-se como uma das paisagens que mais encanta quem se atreve a calcorrear os velhos carreiros da Serra do Gerês. Local de pastoreio e de apagadas tradições do centeio, o topónimo “Messe” a isso mesmo apela, foi também local de «peregrinação» dos idos da vilegiatura clássica dos tempos do “Gerês Thermal” contado por Ricardo Jorge ou das míticas incursões de Carlos Caldeira que abriu portas a muitas noites a sonhar com profundos vales e épicos cumes.

Assim, a jornada aos Prados da Messe é daquelas experiências de montanha que não se pode perder na Serra do Gerês e nas visitas ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, sim, pois a nossa joia da Natureza, preservada e moldada ao longo de séculos por uma convivência com a presença do Homem, somente se conhece se estivermos dispostos a gastar solas e a tocar «ao de leve» a vida serrana.

Nesta caminhada descritiva aos Prados da Messe vou optar por iniciar a minha jornada ao longo da Mata de Albergaria, iniciando os meus passos na Portela de Leonte, em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês.

A Portela de Leonte foi durante muito tempo vista como uma entrada para uma Serra do Gerês mais selvagem. De certa forma, representava - e, na verdade, nos nossos dias ainda representa - a passagem para uma zona onde a Natureza merece todo o nosso respeito.

Por esta razão, ali teve lugar a inauguração do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPC) a 11 de Outubro de 1970 e ali deveria ter sido criada uma das «Portas» de entrada no PNPC.

Com efeito, no princípio do século XX a estrada real somente chegava à Preguiça, prolongada mais tarde para chegar à Casa do Guarda de Leonte e nos anos 40 chegaria à Portela do Homem e Carris através dos trabalhos de ampliação realizados pela Sociedade Mineira dos Castelos, Lda. De notar que a primeira Casa Florestal de Leonte seria construída pelos Serviços Florestais em 1889-1890.

De facto, foi na Portela de Leonte onde foi lavrado o “Auto de Posse” por parte do Estado de uma área da Serra do Gerês, constituindo assim um primeiro passo para que no futuro viesse a surgir o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Isto ocorreu a 17 de Agosto de 1888.

Iniciava-se então um processo no qual o governo nacional deveria regularizar "...a exploração dos arvoredos e reconstituiria os povoamentos (florestais), sem ofender as regalias que (os povos serranos) gosavam dos montes, garantindo-lhes as pastagens, lenhas, cepas, etc." A História conta-nos que foi o início de uma relação muito conflituosa entre o Estado e os povos serranos cujos ecos iriam fazer-se escutar nos anos seguintes e mais de um século depois.

Eis um excerto desse texto: "*Auto de posse - Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e oito aos dezassete dias do mês de Agosto do mesmo ano no sitio de Leonte, onde estavam presentes o administrador do concelho de Terras de Bouro, Manuel Joaquim Leite Ribeiro, comigo escrivão a seu cargo e oficial da administração, achando-se igualmente presentes o inspector dos serviços florestais Pedro Roberto da Cunha e Silva, e o silvicultor subalerno Francisco Ferreira Loureiro e as testemunhas presenciais adiante nomeadas e no fim assinadas, para o fim de proceder á posse da parte da serra do Gerês, a partir do rio na direcção de Pedra Bela até á Portela do Homem; bem como as vertentes do Rio Homem a partir da sua origem até ao ribeiro de Tirliron (Águas das Mós). E estando assim todos os presentes foi pelo dito administrador dada a posse dos referidos terrenos*



Portela de Leonte

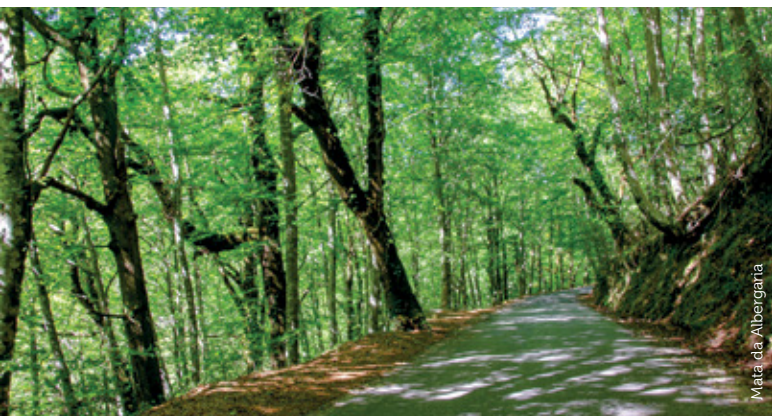
e arvoredos ao inspector dos serviços florestais para serem incorporados na administração florestal e ficarem a ela sujeitos, ficando garantidos aos povos o uso das pastagens e bem assim o fornecimento de matos, lenha, cepas, frutos, etc., entendendo-se que esta concessão é unicamente para os povos que actualmente estão no uso e costume de se utilizarem da parte da serra, regulando-se, porém, estas concessões de forma a não prejudicar o arvoredo existente e trabalhos que se vão encetar."

Vamos então aos Prados da Messe! A parte inicial do nosso caminho segue a estrada que mergulha na Mata de Albergaria com uma passagem pela bela Pala do Ranhado (ou Penedo da Pala). Descrita no relatório da Sociedade Geográfica de Lisboa sobre uma expedição à Serra do Gerês, este foi o local de pernoita de Hermenegildo Brito Capelo, Leonardo Torres, Denis Santiago e Serafim dos Anjos e Silva na noite de 20 de Setembro de 1882.

Em Setembro de 1882, Hermenegildo Capello e Leonardo Torres - sócios ordinários daquela Sociedade, fizeram uma visita à Serra do Gerês que mais tarde seria descrita na revista desta Sociedade.



Encosta da Sabrosa



Mata de Albergaria



Vale do Rio do Forno



Penedo da Pala



A caminho da Lameira das Rúivas



Pedros da Messe



Prado do Conho

Durante a sua permanência no Gerês, os dois homens participaram numa caçada realizada a 20 e 21 de Setembro, tendo dormido a noite na serra e fazendo peculiar descrição desta experiência...

"Na Serra do Gerez ha uns abrigos que chamam fornos, provavelmente por causa das portas que só se pode entrar engatinhando, e dentro d'essa cubata podem dormir nove ou dez homens, deitados em palha e muito unidos.

A pulga e muitas vezes o ganau enxameam aquelles domicilios, que servem de casa aos guardas do gado que á noite o reúnem junto d'estes fornos em uns pequenos planos mais abrigados que chamam vezeiros. Vimos dois d'estes cacifres ou casebres, um mesmo na Portella de Leonte e outro em Albergaria; n'este ultimo estava um velho guardador de extensa barba branca, e pelo tempo, local e aspecto fazia sem grande difficuldades a felicidade de um sebastianista ferrenho.

Estavamos condemnados a estacionar e pernoitar no forno de Albergaria, porque a chuva continuava e continuou durante a tarde e durante a noite, quando um dos guias lembrou que era mais limpo o abrigo do Penedo da Palla, no sítio do Ranhado, que nos ficava a uns duzentos passos de distancia; podem lá dormir dez homens e cinco debaixo do penedo que fica logo ao pé, e os sete seguiram logo para o dito forno. Foram dez para o forno, e por esse motivo no abrigo da Palla apenas dormimos sete, perfeitamente abrigados e aquecidos pela constante fogueira que durou toda a noite, sendo alimentada com lenha de carvalhos, que ali se encontram derrocados e não aproveitados."

A pala do Ranhado ainda lá se encontra por entre um cenário envolto em silencio de carvalhos e faias que impressiona no Verão pela frescura do seu ar e no Outono pela magia das suas cores.

Estamos agora em pleno centro da Mata de Albergaria! Definido como "um bosque climático dominado pelo carvalho-alvarinho, mas onde surge também o carvalho-negral bem como outras espécies características dos carvalhais galaico-portugueses que constituíam a vegetação primitiva da grande parte do noroeste português," a importância desta área foi atestada pela classificação como reserva biogenética pelo Conselho da Europa em 1988.

Um passeio atento pela Mata de Albergaria mostra-nos que este recanto da Serra do Gerês, muitas vezes apontada como a razão de ser do nosso único Parque Nacional, tem muito mais para nos «dar» do que a preservação deste espaço único em Portugal.

O património ali existente viaja num caminho temporal de quase dois mil anos. A presença do invasor romano é óbvia (a Geira, os marcos miliários, as ruínas das suas pontes, etc.), mas podemos questionar se a presença humana não será anterior, certamente que o é!

Este espaço territorial foi ocupado por tribos nómadas que terão deixado as suas marcas nos actuais currais de pastoreio, posteriormente ocupados pelos povos que se estabeleceram nestas serra-



Prado do Conho



Colo da Preza

rias; vemos também os sinais da Guerra da Restauração e as marcas da Revolução Republicana nos restos da trincheira ali existente, bem como a presença dos Serviços Florestais desde 1888.

Muitas destas memórias estão registadas tanto em texto como em fotografia, memórias que já mereciam um espaço museológico da sua preservação. O espaço físico da Mata de Albergaria deveria, em si mesmo, ser um museu em céu aberto com a preservação não só do património faunístico e florístico, mas também na preservação do património edificado através da conservação dos edifícios ali existentes, na referência das velhas ruínas (abrigos pastoris, colmeias, abrigo do Clube Académico, ruínas das casas dos guardas fiscais e das casas florestais, património histórico romano, etc.).

Depois de passar o Rio do Forno, e chegando às ruínas dos Serviços Florestais, enveredamos Costa de Sabrosa acima mergulhando nas



magníficas paisagens que compunham o cenário que nos rodeia com uma variedade de cores que no Outono irá espantar o visitante menos impressionável.

A subida da Costa de Sabrosa inicia-se pouco depois da Casamata da Albergaria. O carroiro leva-nos pela margem direita do Vale do Rio Forno e atravessa uma área de protecção total da zona de ambiente natural do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Assim, é necessário que se peça autorização para percorrer este trajecto em visitação.

Iniciando a subida, rapidamente se toma altitude e a Mata de Albergaria vai-se afundado atrás de nós. O horizonte alarga-se com um profundo respirar... os altos serranos desenham-se contra o céu pincelado de nuvens matinais e o Sol cria um halo que indica noites húmidas e frias. No nascente, a contraluz apenas nos mostra os contornos negros da serra; ao poente a imagem transforma-se à medida que a luz se eleva no céu. É uma miríade de cores que pintam o cenário que se nos depara: as árvores despidas e os rios tumultuosos fazem-se escutar no fundo do vale. Porém, este cenário musical da Natureza vai-se tornando silencioso, pois o dia não está ventoso e pouco se escuta para lá dos passos e do raspar da roupa na urze e no tojo.

Na paisagem que se transforma, surge primeiro a Serra Amarela e as serranias galegas tomam o seu lugar, seguindo das curvas de Soajo e da Serra da Peneda, lá «mais para cima». Por outro lado, as paredes do Vale do Rio do Forno parecem tornar-se mais verticais com o seu soberbo coberto arbóreo e o fundo do vale encrespa-se com os pinheiros do Cornogodinho, das Albas e do Pé de Medela. Mais acima, a paisagem transforma-se num caos granítico e a montanha ganha mais altitude com as paredes que se elevam dos Prados Caveiros. A certa altura, chegamos a uma varanda que nos dá um vislumbre do Vale do Ribeiro de Monção e do Peito de Escada, um outro acesso a estas alturas. Abrangendo as lonjuras castrejas e passeando-se pela cumeada da Amarela, o olhar mergulha na imensa massa de água que domina a paisagem para lá da Pena Longa. Por outro lado, o arvoredo de Bargiela (Varziela), Bemposta e os espigões do Pé de Cabril marcam a paisagem como as ameias de um castelo granítico que define o maciço Poente das serranias geresianas.

Noutra parte deste sublime cenário surge a muralha do Cantarelo encimada pelo seu cabeço que domina sobre o Vale do Alto Homem. O nosso olhar é levado à tranquilidade dos Prados Caveiros! Ali impera o silêncio e a tranquilidade, além dos ecos do passado e da sensação de se estar quase num local sagrado; ali mergulha-se na tranquilidade da montanha! Os Prados Caveiros são daqueles locais



Prados da Messe



Panorama duas grandes marroas

Download
TRILHO
PRADOS DA MESSE



na Serra do Gerês onde parece que sentimos uma presença para além de nós, quase como se a Natureza viva nos quisesse falar ou fazer sentir o quão especial aquele local é."

E o porquê de um nome? Por várias vezes referenciado como "Coveiros", na verdade, são "Caveiros"! Assim, "Cabeiro", o que está ao final e "cimeiro", o que está na parte mais alta. Estas expressões são de uso comum nos Ancares, Galiza, usando-se também aqui, neste lugar alto, neste lugar cimeiro da Vezeira de Vilarinho da Furna.

Terminada a subida da Costa de Sabrosa, chegamos à Lameira das Ruivas, seguindo então para o topo da Corga dos Vidros com o Cabeço do Porto de Cornogodinho sempre a tentar para uma próxima visita.

A jornada faz-se por entre pequenos riachos, carreiros que se escondem, blocos graníticos, paredes alcantiladas e velhas mariolas que nos levam para onde a nossa imaginação quiser ir. Na volta do caminho, lá no fundo aconchegado por entre a penedia, surge como que um oásis; são os prados, os Prados da Messe, com a sua fonte que vale ouro nos dias do Estio. A paisagem é idílica; a grande chã é atravessada por um pequeno ribeiro que lhe dá os tons do verde das pastagens para a vezeira que por ali deambula em parte do Verão. Oásis por entre a paisagem granítica, os alcantilados das Albas assinalam o Poente e as ameias agrestes a Nascente, mostram a direcção de um Gerês quase selvagem.

Estamos então nos Prados da Messe! E o topónimo faz-nos interrogar! O Dicionário da Língua Portuguesa 2008, da Porto Editora, refere que "Messe' (do lat[im] messe-) significa «seara madura; colheita; ceifa» e, em sentido figurado, «aquisição; ganho; conquista»." O mesmo Dicionário refere "ainda se trata, no âmbito militar, de «instalação onde oficiais e sargentos tomam refeições e podem dispor de alojamentos»; neste caso, messe vem «do fr[ancês] ant[igo] mes, hoje mets, "iguaria; prato", pelo ing[lês] mess, "messe»." Teria havido plantação de centeio naqueles prados? Sem dúvida que sim e os testemunhos recolhidos assim o confirmam.

Devido à sua localização por entre as serranias agrestes, foi este local escolhido pelos Serviços Florestais para a construção de uma pequena casa que lhes servisse de apoio. No seu livro "Mata do Gerês" (1926), Tude Martins de Sousa faz-lhe referência, "Não havendo nenhuma casa, ou abrigo, para o pessoal florestal na extensa zona da serra alta, desde a Pedra Bela aos Prados, havia sido solicitada a construção de uma pequena casa no curral dos Prados, que foi feita neste ano (1908).

Sendo certo que nenhuns trabalhos haviam sido ainda por ali realizados, não era menos certo que aquela parte da serra era de elevada importância, por ser um dos mais aproveitados centros de pastoreação dos gados vizinhos e ainda por ter a curtas distâncias bons núcleos de arborização espontânea.

Ao mesmo tempo, aproveita-se a oportunidade de prestar um bom serviço aos vezeiros de Vilar da Veiga, a quem o usufruto do curral pertence e cujas boas relações de vizinhança convém absolutamente manter, proporcionando-se lhes melhor acolhida do que a que o seu forno lhes dá, o que se fez, destinando-se-lhes metade da referida casa, que em Setembro ficou já concluída."

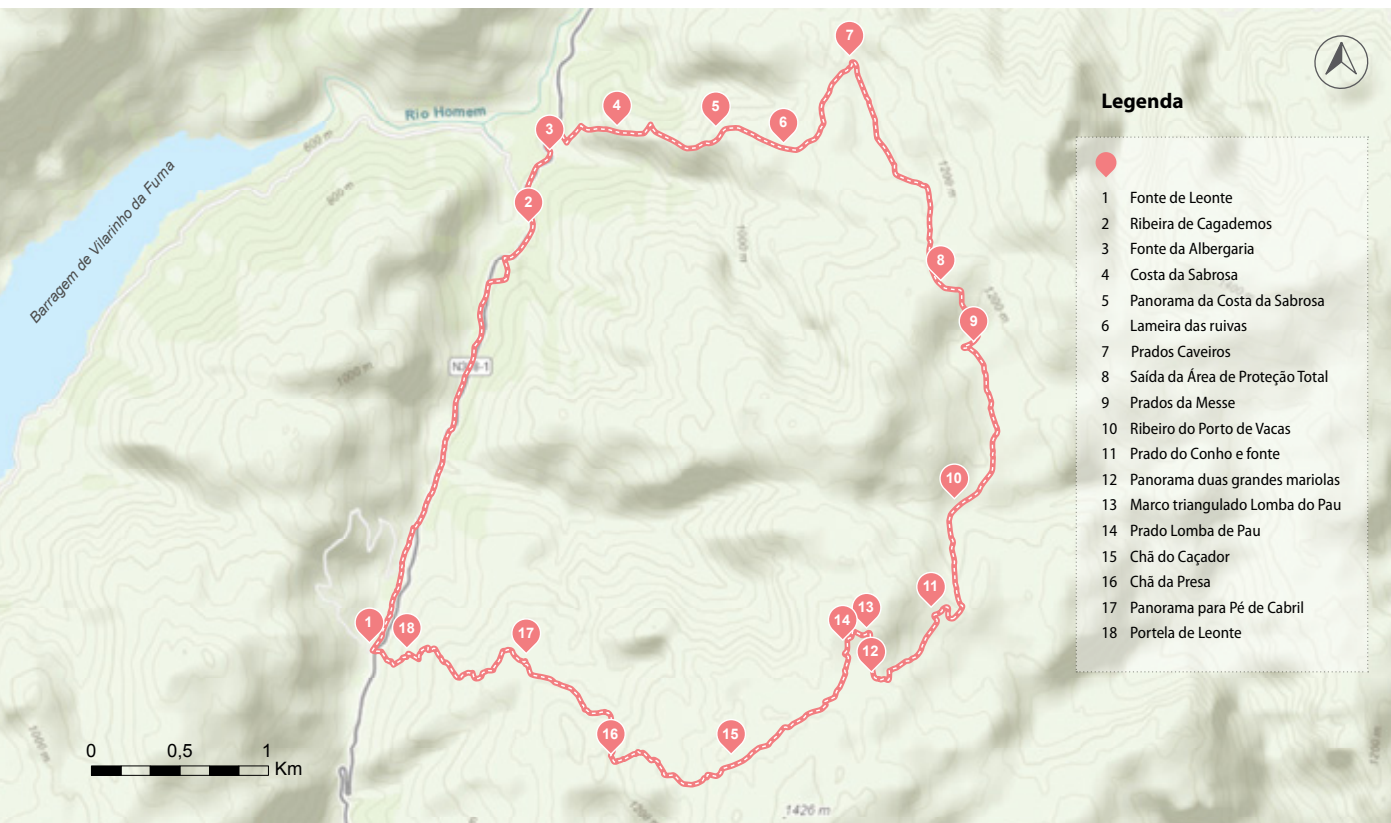
Agora em ruínas, parte dos seus blocos de pedra foram aproveitados para alargar o actual abrigo pastoril ali existente.

É aqui onde a jornada atinge a sua metade e o local é ideal para um descanso, de preferência trocando conversas com os vezeiros.

Descansadas as pernas e animado o espírito, a caminhada segue então para as proximidades do Curral da Pedra e depois para o Porto de Vacas, iniciando-se a subida para o Curral do Conho. Caminhando por entre paisagens de penedias graníticas, parece estarmos imersos num cenário dos grandes cumes do mundo.

Chegados ao Curral do Conho, é-nos oferecida a paisagem para Porta Roibas que se eleva sobre as Sombrosas e perante a imensa forma glacial do Vale de Fechinhas. Rumamos depois à Lomba de Pau - após uma subida que no fim nos insufla o ego - e chegamos aos limites de uma velha exploração de volfrâmio não muito afastada do marco da Lomba de Pau. Segundo o livro "Minas dos Carris - Histórias Mineiras na Serra do Gerês" (Rui C. Barbosa, Dezembro de 2013, pág. 88), o registo mineiro (n.º 90) desta concessão foi feito pela primeira vez a 24 de Março de 1943 pela Sociedade Mineira dos Castelos, Lda. junto da Câmara Municipal de Terras de Bouro, havendo um outro registo posterior (n.º 29) datado de 2 de Abril de 1945.

Deixando as memórias dos dias do volfrâmio para trás, chegamos pouco depois a uma bela chã de pastoreio guardada pelo seu abrigo pastoril e pelos restos não estudados de uma anta, testemunho da presença milenar do Homem por estas paragens.



Aqui, podemos decidir «conquistar» o ponto mais elevado daquelas paragens, o Borrageiro que atingimos seguindo as velhas mariolas e que é assinalado pelos restos do seu marco geodésico que assinala os seus 1.430 metros de altitude. Dali vislumbra-se uma vasta área com o olhar a percorrer o Vale do Rio Cávado, a Cabreira, as serranias de Fafe, Amarela, Soajo, Peneda, as terras galegas e o píncaro serrano do Gerês na Nevosa, saltando para o Larouco, serranias de Barroso e as serras do Marão, Alvão e Corno do Bico.

A parte final da jornada faz-se passando pelo carismático Arco do Borrageiro, ex-líbris do “Gerês Clássico” e descendo à Fonte da Borrageirinha, seguindo depois para o Colo da Preza, com a sua vista para o Vale de Teixeira. O carreiro vai-nos levar depois ao icónico Prado do Vidoal onde as paredes alcantiladas da Roca d’Arte nos tiram expressões de exclamação, numa paisagem composta pelo Pé de Medela, Carris de Maceira, Cabeço da Cantara, Cabeço de Lavadouros e Cabeço de Cinzeiros! Que rica toponímia, que tesouro a explorar!

De coração cheio e já com vontade de voltar, seguimos para a Chã de Carvalho e iniciamos a descida para a Portela de Leonte através da secular calçada da vezeira.

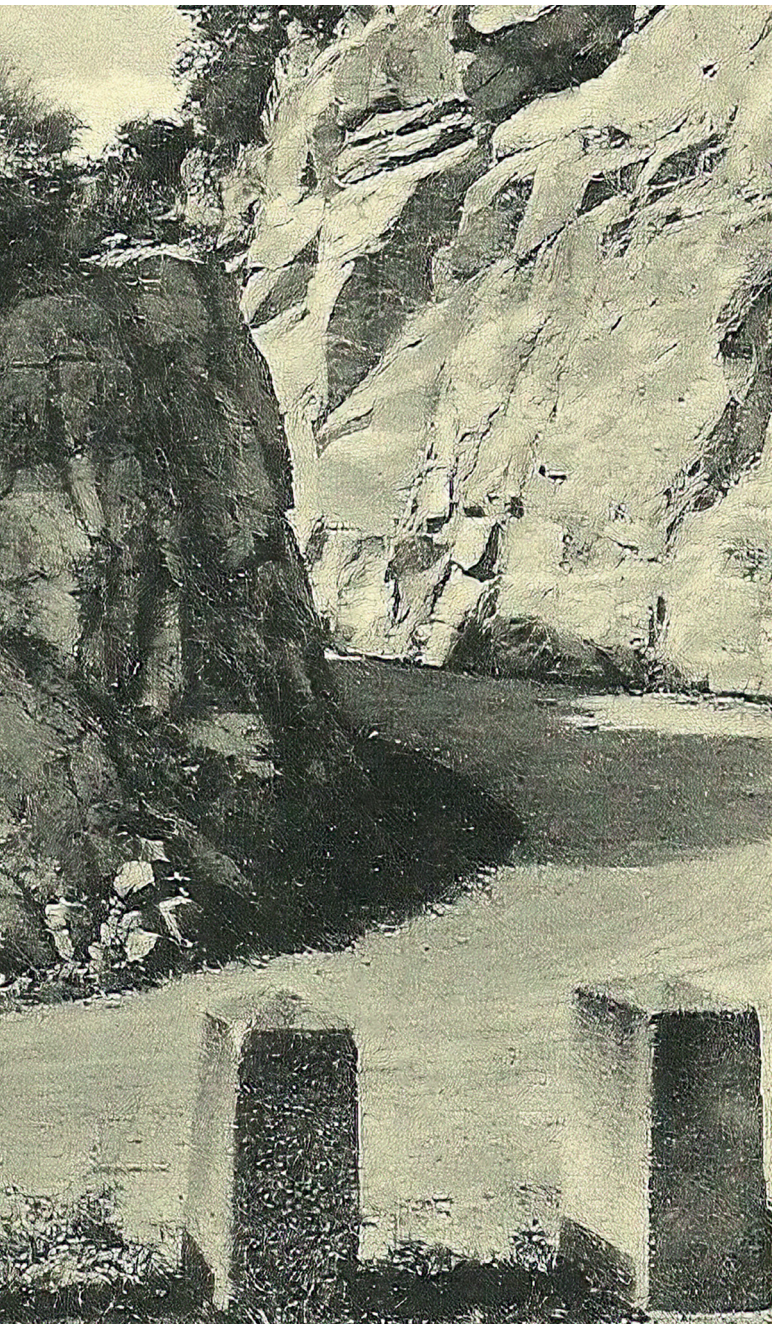
Caminhamos à Nevosa?





O Parque Nacional Peneda-Gerês

Adolfo Morais de Macedo



Uma curva da Estrada de Leonte

A ideia da criação de uma área protegida na região do Gerês remonta aos inícios do século XX e ao regente Tude de Sousa que, na sequência da delimitação do Perímetro Florestal do Gerês em 1888 – o primeiro perímetro florestal a ser implantado em Portugal – e da reorganização dos Serviços Florestais em 1901, foi entre 1904 e 1915 o seu primeiro Administrador Florestal. Tude de Sousa escreveu várias vezes que a riqueza natural do território do Gerês justificava a sua proteção.

No entanto, só a partir de 1969 é que estas palavras encontraram eco noutro silvicultor, o Eng.º Lagrifa Mendes, também profundo conhecedor da região e familiarizado com a realidade das áreas protegidas estrangeiras. Lagrifa Mendes achava que Portugal tinha no território do Gerês todas as condições para a criação de um parque nacional. E apesar da forte oposição institucional que encontrou, conseguiu defender essa ideia, interessar mais pessoas e finalmente materializar o projeto. Deste modo, na sequência da aprovação da Lei de Bases da Conservação da Natureza (Lei n.º 9/70, de 19 de junho), o então Presidente da República, Almirante Américo Tomás, aproveitando uma viagem ao Minho deslocou-se ao Gerês e, no dia 11 de outubro de 1970, na Portela de Leonte, procedeu à inauguração oficial do Parque Nacional da Peneda-Gerês. A confirmação legal desta inauguração aconteceria apenas no ano seguinte, designado pela ONU Ano Internacional para a Conservação da Natureza, com a publicação do Decreto n.º 187/71, de 8 de maio, ficando assim o dia 8 de maio de 1971 como a data oficial da sua fundação.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês foi a primeira área protegida do país e a única a ser classificada com o estatuto de parque nacional, qualificação também reconhecida pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), a organização internacional de referência científica no tocante à conservação da natureza e da biodiversidade. Foi a pensar neste reconhecimento pela UICN, e na área territorial mínima necessária para a classificação, que Lagrifa Mendes, primeiro

diretor do Parque Nacional da Peneda-Gerês, concebeu desde logo a divisão entre parque e pré-parque – precursora da atual distinção entre área de ambiente natural e área de ambiente rural –, acrescentando a uma área mais selvagem, onde se encontram ecossistemas no seu estado natural, com reduzida ou nula influência humana e cuja preservação assim deve ser mantida, uma área habitada e humanizada, onde a interação permanente entre homem e natureza assegura o equilíbrio dos ecossistemas.

O reconhecimento internacional da importância dos seus valores naturais tem sido, aliás, uma constante ao longo da história do Parque Nacional: em 1989 o Conselho da Europa procedeu à classificação de uma reserva biogenética em parte do seu território, a Reserva Biogenética das Matas de Palheiros / Albergaria (PT 930003) e, nesse mesmo ano, a sua área foi designada como “Important Bird Area”, com a criação da IBA Serras da Peneda e Gerês (PT 002); em 1997 foi formado, em conjunto com o Parque Natural Baixa Limia-Serra do Xurés, o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés; em 1999 o seu território passou a integrar a Rede Natura 2000, uma rede europeia de áreas classificadas, ao ser abrangido por uma zona de proteção especial para aves selvagens, a ZPE Serra do Gerês (PTZPE 0002), e, já em 2025, por uma zona especial de conservação, a ZEC Peneda-Gerês (PTCON 0001); finalmente, em 2009, toda a área dos municípios que integram o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés foi considerada pela UNESCO reserva da biosfera, tendo sido criada a Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurés.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês compreende um vasto território de montanha, que se estende do planalto de Castro Laboreiro até às faldas orientais da serra do Gerês, englobando as serras da Peneda, do Soajo, Amarela e do Gerês e os planaltos de Castro Laboreiro e da Mourela. Este território, situado em grande parte acima dos 700 metros e pouco ultrapassando os 1.500 metros de altitude máxima, tem na morfologia glaciária de formação recente (Quaternário), em particular nas



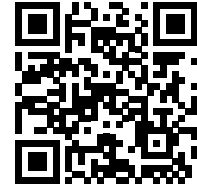
zonas elevadas das serras da Peneda e do Gerês, uma das suas características geológicas mais interessantes. Mas a orientação diversificada do seu relevo, a relativa curta distância do Atlântico e os grandes desníveis de altitude também favoreceram a formação de uma notável gama de microclimas e permitiram o aparecimento de uma grande variedade de espécies vegetais. Assim, os bosques climáticos de carvalhos (comum e negral), associados ou não ao azevinheiro, ao medronheiro, ao teixo e ao sobreiro, ou a espécies como o fetudo-Gerês, o zimbro, o vidoeiro e o lírio-do-Gerês – um endemismo de beleza rara e simbólica –, bem como as florestas de teixos e as populações de pinheiro-silvestre – aqui no limite meridional da espécie, constituindo relíquias pós-glaciares –, conferem-lhe igualmente um enorme e reconhecido interesse botânico. A esta diversidade botânica acresce um importante valor faunístico, com espécies como o lobo-ibérico, a cabra-montês, o corço, o



javali, o texugo, a marta, o arminho, a lontra, a toupeira-de-água, a víbora-de-seoane, o lagarto-de-água, entre outras, de que merece realce um pequeno núcleo de garranos da raça luso-galiciana que vive em estado semisselvagem, e uma rica avifauna, onde se destacam entre as espécies de maior porte a águia-real, o falcão, o açor, o peneireiro e o bufo-real.

No entanto, grande parte das serras que constituem o Parque Nacional da Peneda-Gerês foram também humanizadas em continuidade pelo menos desde o Neolítico e a invenção da agricultura e da pastorícia, com um povoamento que se disseminou essencialmente pelas principais bacias fluviais dos rios Lima, Homem e Cávado, que atravessam e retalham o seu território e condicionaram igualmente a sua ocupação humana. Trata-se pois de uma paisagem por vezes fortemente humanizada e muito marcada por uma intensa agricultura de

montanha (terras do milho e do centeio), com um rico património histórico-arqueológico — de onde se destacam, pela monumentalidade e expressão de efetivo domínio do território, as vastas necrópoles megalíticas dos planaltos de Castro Laboreiro e da Mourela, as chãs elevadas da Amarela e da Peneda, o caminho romano da Geira (a via XVIII do Itinerário de Antonino), os castelos de Castro Laboreiro e do Lindoso ou o mosteiro cisterciense de Santa Maria das Júnias —, e também cultural e etnográfico, com exemplos significativos da vivência agro-pastoril serrana e dos hábitos e usos sociais de carácter comunitário que aí se mantinham, onde a entreatajuda é preponderante, e ainda hoje perduram em algumas zonas, de que são vestígios os fornos comunitários, os moinhos e lagares do povo, os espigueiros, os fojos do lobo, os currais ou as cabanas de pastores, bem como as encostas em socalco, os prados de lima, as brandas e inverneiras ou as vezeiras.



Vídeo
**PARQUE NACIONAL
PENEDA-GERÊS
FAUNA E FLORA**

Foi esta dicotomia entre áreas mais selvagens e áreas habitadas e humanizadas, com diferentes objetivos e orientações de gestão, que esteve subjacente ao modelo de ordenamento que desde o início rege o Parque Nacional da Peneda-Gerês, a divisão entre uma área de parque ou ambiente natural e uma área de pré-parque ou ambiente rural. Conforme referido no Preâmbulo do Decreto que o criou, a sua instauração pretendia possibilitar “a realização de um planeamento científico a longo prazo, valorizando o homem e os recursos naturais existentes, tendo em vista finalidades educativas, turísticas e científicas” e a “conservação do solo, da água, da flora, da fauna e da paisagem, abrindo-a às vastas possibilidades do turismo, mas mantendo uma rede de reservas ecológicas de alto interesse científico”. Estes diferentes objetivos encontram neste ordenamento modo de serem concretizados, com a área de ambiente natural essencialmente dedicada à manutenção e preservação do património natural existente, com uma regulação mais restritiva de acesso e de uso, e a área de ambiente rural mais virada para o suporte socioeconómico das populações residentes, mas de forma sustentável para o equilíbrio dos ecossistemas.





Assim, na área de ambiente natural a atividade humana é fortemente restringida, em função dos três níveis de proteção aí estabelecidos: restrição máxima nas áreas sujeitas a regime de proteção total, correspondentes a áreas de elevada proximidade a um estado de evolução natural e menos alteradas pela intervenção humana, que englobam, essencialmente, bosques de carvalho e bosques de carvalho em associação com teixiais e azerais, teixiais, núcleos reliquiais de florestas de pinheiro-silvestre, turfeiras e complexos geomorfológicos de relevante importância, e restrição mais flexível nas áreas sujeitas a regimes de proteção parcial de tipo 1 e de tipo 2, que correspondem, respetivamente, a espaços de elevada proximidade a um estado de evolução natural e pouco alterados pela intervenção humana, que englobam bosques de carvalho, bosques ripícolas, teixiais, azerais, turfeiras, complexos geomorfológicos de relevante importância e matos, e a espaços de média proximidade a um estado de evolução natural, que enquadram bosques de carvalho, azerais e medronhais arbóreos, teixiais, turfeiras e matos.

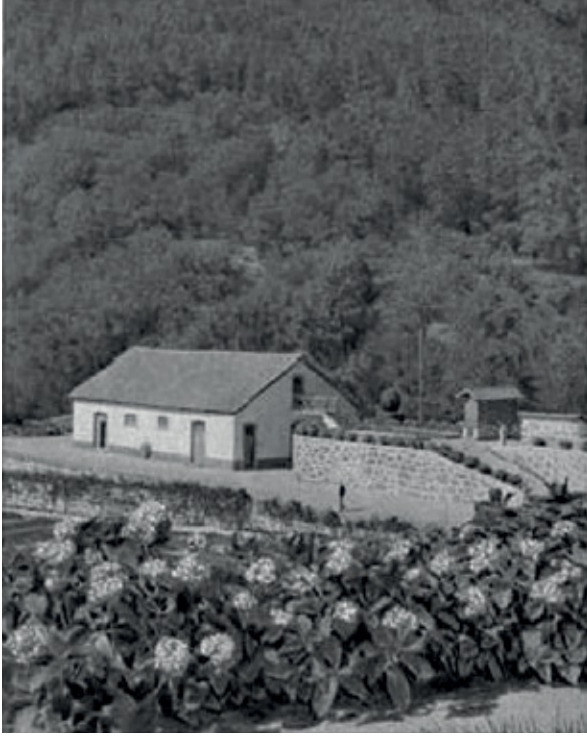
Já na área de ambiente rural, apenas algumas atividades específicas são condicionadas, considerando o seu impacto e consoante também os dois níveis de proteção aí estabelecidos: as áreas sujeitas a regimes de proteção complementar de tipo 1, que correspondem a espaços com presença de habitats ou espécies da fauna e flora imprescindíveis para a manutenção da biodiversidade à escala regional, com ocorrência e viabilidade associada às atividades tradicionais aí praticadas, ou de suporte e regulação do ciclo da água ou de risco de cheia, de



erosão e de incêndio elevados, e as áreas sujeitas a regimes de proteção complementar de tipo 2, que correspondem a espaços com médio valor de conservação, de enquadramento ou uso mais intensivo do solo, onde se pretende compatibilizar a intervenção humana e o desenvolvimento social e económico local com os valores naturais e paisagísticos e os objetivos de conservação da natureza.

A estes cinco níveis de proteção acrescem ainda as áreas não sujeitas a regimes de proteção, que correspondem genericamente a solo urbano, a aglomerados rurais e a áreas de edificação dispersa.

Finalmente, não poderia terminar esta breve apresentação da génese, caracterização e objetivos do Parque Nacional da Peneda-Gerês sem referir os três grandes desafios que hoje se colocam à sua gestão e que se prendem com o controlo e erradicação das manchas de espécies exóticas invasoras existentes, nomeadamente de acácias, de háqueas-picantes e de sanguinárias-do-Japão, com a prevenção e controlo dos fogos rurais e a recuperação das florestas consumidas por incêndios e com a regulação da enorme pressão turística que sobre ele incide.



Viveiros da Vacaria



Observatório Meteorológico - Ceres



Casa - Pedra Bela



Reparação florestal - Gerez



Lagrifa Mendes



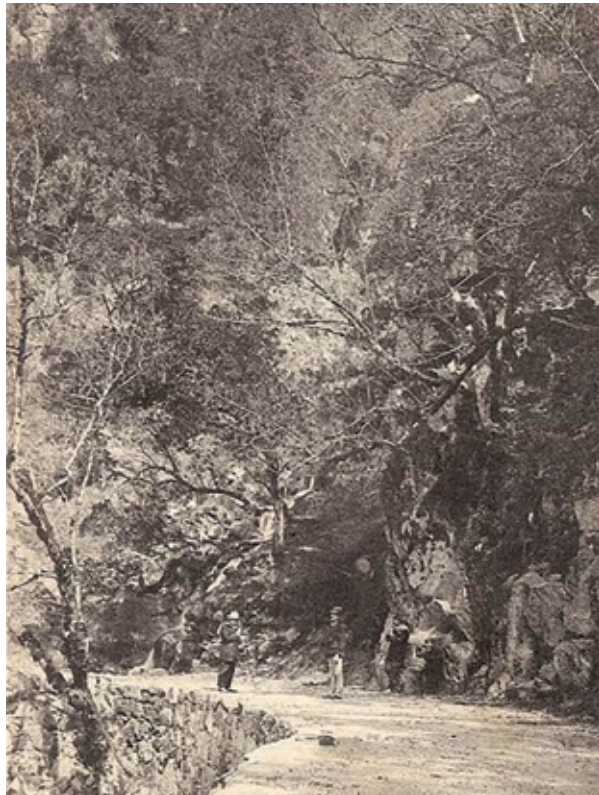
Curva da Morte (Estrada de Leonte)



Américo Tomás



Inauguração do corpo



Na estrada da Pedra Bela - Focha de Ferreiros

O Lobo Ibérico no Parque Nacional

Carlos Pontes





Muito poderia dizer e contar sobre este magnífico animal que domina estas serras agrestes. Poderia falar sobre diversos temas, mas prefiro abordar de uma forma diferente e falar um pouco sobre o crítico conflito homem/lobo que está entranhado na história deste parque e que, na minha opinião, a par com a perda de habitat, é aquele que mais está a prejudicar o lobo.

Se me permitem, e antes de mais, na minha opinião, continuando com estas práticas e políticas, no que toca a este tema, a curto ou médio prazo teremos duas espécies em perigo crítico de conservação, o lobo ibérico e o pastor.

Da astúcia a misticidade, são muitas as histórias que ouvimos e partilhamos em qualquer café das redondezas.

Durante o pequeno-almoço e diariamente o bicho é conversa pelas aldeias do parque nacional, não fosse ele o grande causador dos prejuízos e quem comanda o maneio diário do pastor. “Oh vizinho, cuidado que ele atacou esta noite lá em cima”. Todos sabem quem ele é.

Odiado por uns, amado por outros, o bicho lá vai sobrevivendo muito por quem o vai sustentando.

O parque nacional tem uma particularidade em relação a outros parques com o mesmo estatuto espalhados pelo mundo fora: é um parque bastante humanizado, com tradições, usos e costumes e isso moldou e continua a moldar aquilo que hoje deveríamos ter orgulho de chamar parque nacional.

Nele vivem aqueles poucos que ainda hoje lutam diariamente pela subsistência desta lide dura e secular que estamos a perder pelos poucos novos que nela engrenam, muito por culpa do bicho e (ou do) sistema. Vejamos os enormes rebanhos de cabras que perdemos e que tanta, mas tanta falta fazem nestas serras.

A elevada escassez de presas selvagens na área do parque é uma realidade quer queiramos, quer não, só a cabra-montês tem contrariado um pouco as estatísticas, quem sabe pelo difícil acesso a elas pelo ser humano, mas modestamente este aumento em nada é suficiente ao lobo nem será a cabra sozinha a atenuar este conflito.

É sabido por todos que o lobo tem grande parte da dieta atribuída a gado doméstico, se compararmos, por exemplo com o parque natural do Montesinho que faz fronteira com uma das áreas que mais lobos teve desde sempre na península Ibérica, e que provavelmente tem mais lobos que o parque nacional, os números não mentem, a percentagem de ataques a gado doméstico é muito menor, porque será? A resposta está a vista de todos, presas selvagens em elevado número.





Por cá, elevado é o prejuízo e quem paga são sempre os mesmos, o lobo com a culpa e o pastor com a perda monetária e sentimental.

Da forma como as políticas se tem desenvolvido ao longo dos anos vamos acabar sem pastores e, conseqüentemente, sem lobos.

Nem oito, nem oitenta, o governo não pode beneficiar quem cria cabeças para subsídios mas também não pode deixar de apoiar os pastores que usam a atividade como subsistência e realmente tem as perdas e sofrem com tudo isto.

Há 15 anos almoçava com um pastor na sombra de um azevinho centenário no alto da serra, que me dizia com um sorriso na cara “o lobo não é assim tão mau, o bicho tem que comer coitado”. Pois, era o tempo das vacas gordas, onde as notícias e os valores pagos por prejuízos denunciavam já o sistema viciado.



Não me quero alongar nem entrar em pormenores sobre o sistema, nem do porque dele colapsar, mas isto deu no que andamos a ver durante anos, pagamentos na grande maioria recusados ou não atribuídos ao lobo, e atrasados mais de dois anos em muitas situações. Tudo pelo colapso do sistema e a culpa foi de quem durante anos usou e abusou dele. A história já é velha e todos a conhecemos, mas a verdade é que nos últimos anos as políticas sobretudo para gado em regime livre que é o que impera nestas serras tem apertado imenso, somando as cartas de prejuízos causados pelo lobo chumbados, e que aparecem em casa após dois anos. As pessoas cansaram de subir serra para fazer prejuízos e com razão.





As consequências começaram a aparecer e o resultado tem sido dezenas de lobos mortos nos últimos anos, só eu bati tristemente o número de lobos que encontrei mortos por mão humana num espaço tão curto de tempo.

Morrem sem culpa num conflito desigual, por um lado o animal que viu as suas presas selvagens desaparecerem ao logo dos tempos e teve sem remédio que predar quase única e exclusivamente sobre o que lhe sobra e que existe em abundância, e por outro o pastor que tem as perdas que muitas vezes são irreversíveis pelo estado das políticas, que levam ao fecho e abandono de explorações por falta de força, meios e apoios para continuar.

Sei que muitos deles, pastores, tem até um sentimento de respeito, admiração e nobreza pelo bicho, mas a dor, a perda e a revolta por uma vida dedicada a uma causa perdida faz com que qualquer um baixe os braços e faça desaparecer rapidamente o entusiasmo de um encontro ou história que tantas vezes contou.

Soluções? A Introdução de presas selvagens, como, por exemplo, o veado, que o lobo adora e o parque tem em números escassíssimos e concentrados em praticamente duas áreas muito específicas, tentando assim diminuir o número de prejuízos com gado e conseqüentemente o conflito.

Criação do tão aclamado subsídio por área de risco aos pastores que lidam diretamente com o lobo, garantindo assim que possam ser ressarcidos a tempo e horas.

Insistir nas boas práticas de manejo e de nascimentos de crias para evitar mais perdas óbvias e desnecessárias, quem adotou estas medidas praticamente não tem prejuízos.

E, aquilo que considero mais eficaz, com provas mais que dadas na defesa dos rebanhos e réis, cães, bons cães de guarda de gado e os prejuízos praticamente desaparecem.

Por último e não menos importante, o lobo, os animais, os habitantes e o parque necessitam de uma reforma urgente e inteligente nos bosques e montanhas florestadas que perderam.

Preparar devidamente o terreno para evitar as habituais catástrofes de incêndios que tem destruído o território, as pessoas e o património que não retorna.

Estamos cansados de saber que isto é um ciclo. Será que não somos inteligentes o suficiente para o conseguir contornar?

É urgente uma reforma florestal, é uma forma digna de voltar a dar nome ao único Parque Nacional de Portugal.

A real preservação do Parque Nacional e de tudo o que lhe deu o tão prestigiado nome, não passa pela criação de infraestruturas para turismo, o que tão nobre e bonito deu o prestígio deste parque há mais de 50 anos, não foram estes valores, mas sim ser visitado pelo grande valor natural e cultural que tem ou ainda vai tendo.

E pelo lobo o que fazemos? Tudo o que disse antes e continuara a viver lado a lado com pastores, a não deixar morrer esta cultura, lendas e contos, e a espalhar a magia única do seu uivo por estes vales e montanhas.





Termas da Moimenta

Goreti Rodrigues

A funcionar entre maio e outubro, e localizadas a um escasso Km da Vila de Terras de Bouro, um concelho de montanha, encontram-se as Termas da Moimenta, inseridas num ambiente tranquilo e rodeadas de paisagens deslumbrantes, um espaço sinónimo de saúde e bem estar, com uma oferta de prazer genuíno, retirado de águas únicas, uma paragem para repouso e reflexão.

As propriedades curativas das águas sulfúreas das Termas da Moimenta são conhecidas pelo povo de Terras de Bouro há várias décadas, decorrendo de inúmeras histórias, que se foram transmitindo oralmente. As suas propriedades medicinais foram comprovadas pela análise da água, ao ser encontrado na sua composição o elemento raro designado por Cério, que potencializa o efeito bactericida da Prata, e assim ajuda a cicatrizar mais rapidamente eventuais feridas.

As características particulares das águas sulfúreas das Termas da Moimenta em conjunto com as suas instalações equipadas com recursos modernos estão vocacionadas para tratamentos das vias respiratórias, músculo-esqueléticas/reumatismos e patologias da pele através de técnicas de duche, balneoterapia, vapores e inaloterapia ou simplesmente para sessões de bem-estar e relaxamento.





Termas da Moimenta

Garranos de Montanha: Um encontro com a história viva de Terras de Bouro

Cristóvão Carvalho

O GUARDIÃO SILENCIOSO DA MONTANHA: CENTRO DO GARRANO EM COVIDE

Para o verdadeiro amante da natureza, Terras de Bouro e o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPC) oferecem mais do que paisagens deslumbrantes: proporcionam a imersão num ecossistema vivo, moldado pela presença de uma criatura ancestral, o cavalo Garrano.

O Centro Interpretativo do Garrano (CIG), em Covide, é o local perfeito para a compreensão desta ligação profunda. Aqui, a experiência turística mistura-se com a conservação da biodiversidade e a história natural do único Parque Nacional português.

O GARRANO: UMA PEÇA CHAVE NO ECOSISTEMA DO GERÊS

O Garrano é uma espécie fundamental para o equilíbrio do ecossistema de montanha, controlando de forma natural a vegetação. Estes cavalos rústicos e resistentes vivem em regime de semiliberdade, pastando extensivamente nas serras. Ao alimentar-se de matos e pastagens, o Garrano atua como um herbívoro natural, ajudando a limpar o sub-bosque e a manter a paisagem aberta.

No CIG, compreendeu-se a urgência em proteger esta raça, classificada como ameaçada. Ao ser descendente direto do Cavalo Ibérico pré-histórico, o Garrano é um tesouro genético que se adaptou perfeitamente ao clima e ao relevo do Noroeste de Portugal.

O CIG convida-o a um turismo sustentável e consciente, onde cada atividade tem um propósito de preservação:

Passeios de Descoberta Ecológica: A experiência de equitação no Garrano é a forma mais autêntica de explorar os trilhos de montanha. O seu passo firme e ágil permite-lhe aceder a zonas onde a natureza se revela em todo o seu esplendor, sem perturbar a fauna.

Aprendizagem juntos dos mais novos: O CIG proporciona uma perspetiva educativa, demonstrando o maneo da raça e os esforços de conservação que visam garantir a sua sobrevivência face aos predadores (como o lobo ibérico) e às alterações ambientais.

Ao visitar o CIG e participar nas suas atividades, está a contribuir diretamente para o futuro do Garrano e para a manutenção de um ecossistema saudável e resiliente no coração do Gerês.

O Centro Interpretativo do Garrano, em Covide, afirma-se como um ponto de encontro obrigatório para quem procura uma ligação autêntica com a vida selvagem do Parque Nacional.

Fica o convite para testemunhar a harmonia entre o cavalo, a montanha e o homem, seja através da iniciação à equitação, de percursos pedestres ou de visitas guiadas. Venha descobrir um legado vivo no coração de Terras de Bouro.







TURISMO DE SAÚDE E BEM ESTAR

A Ecovia que Silencia o Tempo. O Refúgio da Natureza

Cristóvão Carvalho

Descubra um dos segredos mais bem guardados de Terras de Bouro: a Ecovia do Rio Homem. Um percurso de mobilidade suave que se estende pelas margens verdejantes do rio, oferecendo uma experiência imersiva e acessível para toda a família.

A Ecovia do Rio Homem é um convite à contemplação e ao contacto puro com a natureza. Percorrendo a primeira e segunda fases do trajeto, a partir da área de Moimenta, irá encontrar uma harmonia perfeita entre o pavimento em betuminoso e os encantadores passadiços de madeira. O trilho desenvolve-se integralmente junto ao leito, alternando entre as margens através de pontes construídas para o efeito, permitindo-lhe apreciar o rio a partir de múltiplas perspetivas. Uma das grandes mais-valias desta ecovia é o seu perfil de dificuldade baixa e o acesso facilitado, sendo uma escolha ideal para quem procura um passeio tranquilo. Ao longo do percurso, o murmúrio da água acompanha-o, passando por pequenas zonas balneares e a convidativa Praia Fluvial do Rio Homem. É o local perfeito para uma pausa refrescante nos dias mais quentes.

A Ecovia é o cenário ideal para criar memórias em família. Com a circulação de veículos motorizados interdita, proporciona um ambiente seguro e tranquilo para crianças e seniores. O percurso plano e bem conservado é excelente para os mais novos pedalarem ou para passeios com carrinhos de bebé, sem qualquer dificuldade. A Praia Fluvial do Rio Homem, integrada no percurso, oferece um local agradável para um mergulho em família nos meses de verão.

Venha caminhar neste troço de serenidade e deixe-se envolver pela paisagem envolvente. Esta é uma porta de entrada privilegiada para a grandiosidade da região, situada a escassos quilómetros do centro da vila e nas proximidades do Parque Nacional da Peneda-Gerês.









PR15 - Trilho do Bom Jesus do Monte das Mós

Goreti Rodrigues

O trilho do Bom Jesus do Monte das Mós visa valorizar religiosa e culturalmente as aldeias típicas de Campo do Gerês, Covide e Carvalheira, criando não só uma unidade geográfica, mas também potenciando um espaço cujo património, cultura e história se entrelaçam. Trata-se de um território de montanha que se manteve praticamente isolado até meados do século passado (XX), tendo sido a Estrada da Geira, com os seus dois mil anos de existência, a principal via de ligação a Braga, capital de distrito.

Campo do Gerês é uma aldeia constituída por arruados estreitos, alguns canastros com as suas cruces cimeiras e varandas com madeiramentos tradicionais, abertas ao logradouro. Esta aldeia estende-se por terrenos aplanados de um vale alargado, por onde passa o ribeiro de Rodas, entre o Núcleo Museológico e a margem esquerda da albufeira de Vilarinho das Furnas, sendo esta a sua extremidade Norte. A transposição deste ribeiro é feita pedonalmente junto ao Museu sobre a românica ponte de Eixões. Campo do Gerês insere-se numa importante área do Parque Nacional da Peneda-Gerês e aproxima-se de muitos outros locais de interesse natural e cultural, tocando de perto a Fraga do Sarilhão, a Mata Nacional de Albergaria (Reserva Mundial da Biosfera) e a extinta aldeia comunitária de Vilarinho da Furna.



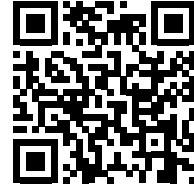


Além das casas e quintas de construção tradicional, a aldeia de Covide ainda conserva, em uso, estruturas rurais, como moinhos de água e espigueiros. Os acessos no interior da aldeia são constituídos por ruelas estreitas, em calçada antiga, calçada à portuguesa ou terra batida. Nas proximidades da aldeia existem outros pontos de interesse turístico como o Centro de Artes Tradicionais (Seixo ou Pedras Brancas) que representa um sítio de tradições, onde são produzidas e comercializadas peças tecidas em teares tradicionais, rendas em pano de linho e peças de vime e madeira, o Centro Interpretativo do Garrano, as ruínas arqueológicas da Calcedónia, a capela de St.^a Eufémia, etc., são pontos de interesse histórico-cultural que caracterizam este território. Sobre o ribeiro de Rodas, no limite entre as freguesias de Carvalheira e Covide encontra-se a bonita ponte Porta Santo e o seu poço Macho.



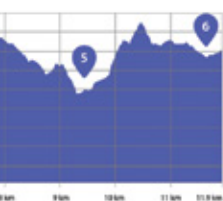
A freguesia de Carvalheira é considerada um paraíso deslumbrante de verdes e de castanhos, de salgueiros e de carvalhos, que guarnecem toda a encosta em que a freguesia se estende, na margem esquerda do rio Homem e à direita da ribeira Rodas. A igreja matriz tem como orago S. Paio e situa-se no aglomerado habitacional do lugar do Assento, com a capela-mor azulejada, revestida de pinturas no seu interior. Destaca-se o monumento ao Bom Jesus das Mós, singular monumento ao Sagrado Coração de Jesus semelhante a uma torre de menagem de um castelo roqueiro medieval. A construção do monumento começou em 1902 e foi solenemente inaugurado a 13 de julho de 1913. Atualmente, além do monumento original, que serviu durante décadas de miradouro sobre o vale do rio Homem, foi construído recentemente um novo miradouro, que desafia o vazio com a sua estrutura de metal e vidro.





Video
**PR15 - TRILHO
DO BOM JESUS DO
MONTE DAS MÓS**





altitudinalidade do meio <i>environmental altitudinarity</i>		orientação <i>orientation</i>		tipo de piso <i>type of ground</i>		esforço físico <i>physical effort</i>	
	3		3		3		4

Calculado de acordo com / Calculated according to: MIDE (Método de Información Excursionista)

EXTENSÃO | EXTENSION

12 km

DURAÇÃO | DURATION

4h00

DESNÍVEL ACUMULADO | CUMULATIVE GAP



ALTITUDE | MIN-MAX



TIPO DE PERCURSO | TYPE OF TRAIL

Circular | Circular

LEGENDA | KEY

- Percurso pedestre PR15**
Walking trail PR15
- Estrada Nacional**
National Route
- Sentido recomendado do PR15**
Recommended way of PR15
- Você está aqui**
You are here
- Cruzeiro do Campo**
Campo Cross
- Centro Interpretativo do Garrano**
Garrano Interpretive Center
- Ponte de Porta Santo**
Porta Santo Bridge
- Santuário das Mós**
Mós Sanctuary
- Albufeira de Vilarinho da Furna**
Vilarinho da Furna Reservoir
- Ponte de Eixões**
Eixões Bridge

Experiências únicas no coração do Parque Nacional

Cristóvão Carvalho





Terras de Bouro, território cravado no deslumbrante Parque Nacional da Peneda-Gerês, é mais do que um município de grande beleza natural e riqueza cultural. É um verdadeiro *santuário* para o turismo ativo, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento sustentável de territórios com estas características.

Este destino é um convite à superação, à descoberta e ao profundo contacto com o ambiente selvagem neste território protegido. Visitar Terras de Bouro é deixar para trás o ruído da cidade e passar a respirar o ar puro das montanhas, mergulhar em águas cristalinas e percorrer os caminhos milenares que ligam a história à natureza.

Para garantir uma jornada inesquecível, a aventura deve começar pelo **canyoning**, a forma mais emocionante de desbravar os rios de montanha. Com o apoio das empresas de animação turística locais, é possível descer cascatas em *rappel*, deslizar por tobogãs naturais e saltar para lagoas de água pura. Quer seja um iniciante ou um aventureiro experiente, o Gerês oferece uma rede de trilhos pedestres adequados aos diferentes níveis de adrenalina. Para os entusiastas da história e das vistas panorâmicas, a aventura pode passar pela exploração da **Geira (Via Romana XVIII)**, em plena **Mata da Albergaria**. Sentir a história debaixo dos pés,

TURISMO ATIVO

entre carvalhos centenários e marcos miliários, é uma experiência única que culmina em recompensas visuais únicas. Através de caminhadas mais curtas e acessíveis é possível aceder ao **miradouro da Pedra Bela** ou ao **miradouro da Cascata do Arado**, visitar o Parque da Assureira onde as vistas de cortar a respiração sobre o vale e a albufeira da Caniçada são um prémio merecido.

A liberdade da água espera por quem visita a **albufeira da Caniçada**, onde é possível alugar uma canoa ou caiaque para uma experiência única neste anfiteatro natural que é o Gerês. Explorar as margens, encontrar praias fluviais recônditas e desfrutar da tranquilidade do maior espelho de água do concelho é obrigatório para quem nos visita. Alternativamente, para os amantes das duas rodas, o **BTT** oferece percursos desafiantes no vale do Homem ou em rotas mais tranquilas perto das aldeias típicas como o Campo do Gerês e a Ermida. As empresas de animação turística fornecem o equipamento e os guias necessários para garantir a segurança e o máximo aproveitamento.

Finalmente, para equilibrar a adrenalina com momentos de paz, não deixar de planear uma visita ao **Santuário de São Bento da Porta Aberta** e explorar a acalmia de aldeias tradicionais, como **Brufe** ou **St.ª Isabel do Monte**. A escolha de um dos diversos alojamentos de turismo rural ou casas de férias em Terras de Bouro, muitos deles recuperados com o charme rústico da região, proporcionará o refúgio perfeito e o descanso merecido após cada dia intenso de exploração.

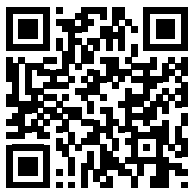
Terras de Bouro espera por si para que viva a natureza no seu estado mais puro e radical.





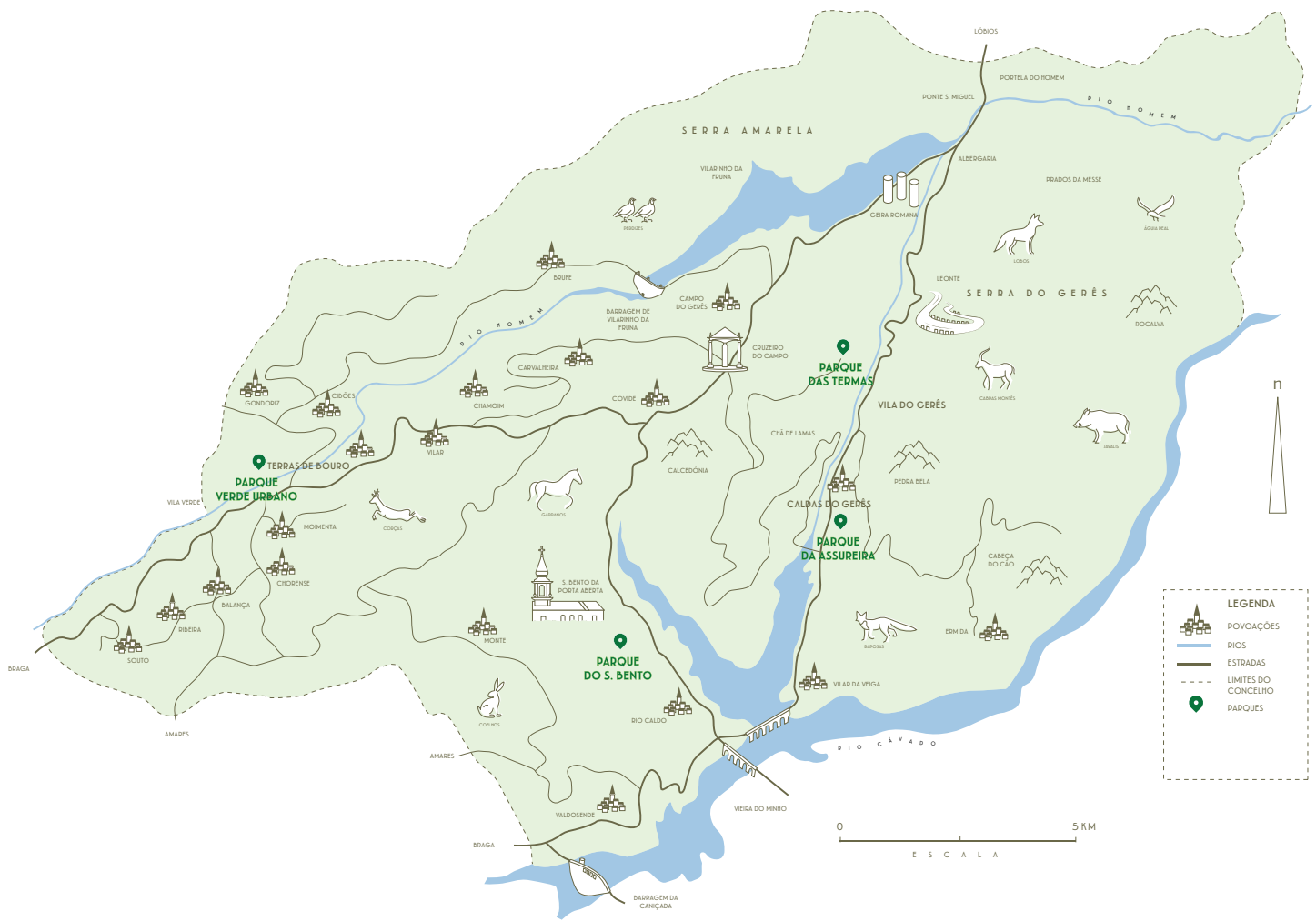






Video
**ÁGUA E
NATUREZA**





Parques Verdes

Goreti Rodrigues

Poderíamos afirmar que Terras de Bouro é um gigante parque verde, dadas as características naturais inerentes a todo o concelho. No entanto, é de ressaltar a importância cultural e lúdica dos seus espaços verdes estruturados, tais como o Parque do S. Bento (ou Parque Padre João Rodrigues), o Parque da Assureira, o Parque das Termas (ou Parque Tude de Sousa) e o Parque Verde Urbano da Vila de Terras de Bouro.

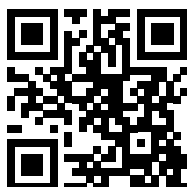




Parque Padre João Rodrigues

é um parque privado, com 2,39 hectares, propriedade da Confraria do S. Bento da Porta Aberta, de entrada gratuita, mas sujeito a horário de abertura. Possui dois portões, localizados a Norte e a Sul do Parque, onde chegam todos os dias peregrinos de várias localidades, que se deslocam a São Bento com passagem pela Abadia. A presença de água e a vasta vegetação existente conferem uma atmosfera refrescante e os vários caminhos com espaços físicos para todas as faixas etárias, proporcionam verdadeiros momentos de lazer. Na sua infraestrutura poderá encontrar diferentes valências, tais como um parque de merendas, bar de apoio, um lago com barcos, zona de palco com anfiteatro e um parque infantil.





Video
**PARQUE DA
ASSUREIRA**



Banco do Ramalho

Parque da Assureira

é uma agradável área verde de meio hectare que acolhe um chalé com uma pequena exposição dedicada à literatura, regatos e árvores de grande porte. Recentemente revitalizado, este espaço foi originalmente delineado por Guilherme Felgueiras, administrador da Mata do Gerês, e inaugurado em simultâneo com o Banco do Ramalho, obra do arquiteto Raúl Lino.

O banco foi erguido em homenagem ao escritor Ramalho Ortigão, por ser este um dos seus locais prediletos para contemplar o vale do rio Gerês e onde muitos dos seus escritos foram idealizados. Curiosamente, o escritor nunca se chegou a sentar neste banco específico, uma vez que o monumento foi inaugurado em 1920, cinco anos após a sua morte.







Parque das Termas

é um parque privado, propriedade da Empresa Águas do Gerês e com acesso pago de maio a outubro. O parque de 2 hectares é atravessado pelo rio Gerês e sombreado por dezenas de árvores de rara beleza secular, bem como um lago com barcos de recreio e grutas artificiais de belo efeito. No ponto mais alto do recinto, emolduradas por uma vegetação exuberante, encontram-se as piscinas e um bar com esplanada. Na restante área do parque é também possível usufruir de um parque Infantil; mesas de ping-pong; circuito de manutenção e parque de merendas.







Parque Urbano da Vila de Terras de Bouro

é um espaço verde, amplo e moderno, de cerca de 2,5 hectares, resultado da requalificação paisagística da ribeira das Gordairas, que enriquece a qualidade de vida da população de Terras de Bouro e seus visitantes, como local de lazer e convívio social, e espaço ambiental. A fruição do espaço é potenciada por percursos pedonais, pontes, passadiços e escadas em madeira, contando ainda com uma área de recreio em relvado sintético e um cercado para a observação de um grupo de gamos. Nas proximidades, existe ainda um Parque de Lazer, onde é possível recorrer a um circuito de manutenção e a bancos para a contemplação da paisagem. A cerca de 500 m, na Praia Fluvial de Moimenta é possível iniciar uma caminhada ao longo do passadiço da Ecovia do Rio Homem.







Diário VI
de 15 de fevereiro
a 11 de maio de 1953

Miguel Torga

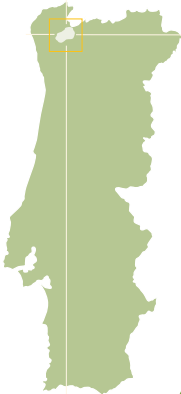
1907·1995

.....

Despedida da serra. Quatro horas a trepar para chegar ao alto da Borrageira. Sobre o talefe, a 1433 metros, invadiu-me uma estranha sensação de que não estava a dizer um adeus provisório àqueles cumes, mas a perder para sempre um pedaço do mundo. Já não é a primeira vez que tal me acontece. Visitar um sítio e apertar-se-me o coração de angústia com o pressentimento de que nunca mais volto ali. E hoje fitava as chãs, as vezeiras, as mariolas, os teixos e os geníparos quase com lágrimas nos olhos. Morrer sem ter percorrido palmo a palmo o berço redondo onde nascemos é malogro terreno; mas olhar um dos seus recantos, e vê-lo quase logo banido irremediavelmente para os limbos da memória, é mais trágico ainda. É uma vivência prematura o aniquilamento da realidade. Um ensaio do nosso próprio aniquilamento.


Gerês, 15 de agosto de 1952





Terras de Bouro



 Via Romana (Geira)

 Milha



Pontos de interesse

Devoção

1. Santuário de N^a Senhora do Livramento
2. Santuário do Bom Jesus das Mós
3. Basílica de S. Bento da Porta Aberta
4. Capela de Sta Eufémia

Náutico

1. Ecovia do Rio Homem
 2. Praia Fluvial de Vilar
 3. Praia Fluvial de Chamoim/Gondoriz
 4. Barragem de Vilarinho da Furna
 5. Barragem da Caniçada
 6. Marina de Rio Caldo
 7. Praia Fluvial do Alqueirão
 8. Cascata Fecha de Barjas "Tahiti"
 9. Cascata do Arado
 10. Poço Azul (difícil acesso)
 11. Carris (difícil acesso)
- * Requer autorização do ICNF

Natureza

1. Parque Urbano de Terras de Bouro
2. Castro - Monte Castelo
3. Miradouro de S. Bento (Baloço)
4. Parque Padre João Rodrigues
5. Calcedónia (Castro)
6. Miradouro de Junceda
7. Parque da Assureira
8. Parque das Termas
9. Miradouro da Pedra Bela
10. Rocalva (difícil acesso)

Património

1. Geira (Aldeia de Santa Cruz)
2. Aldeia Típica de Sta. Isabel
3. Casa dos Bernardos
4. Aldeia Típica de Cotole
5. Aldeia Típica de Brufe
6. Cruzeiro do Campo do Gerês
7. Núcleo Museológico de Campo do Gerês
8. Aldeia Típica do Campo do Gerês
9. Aldeia Submersa de Vilarinho da Furna
10. Aldeia Típica da Ermida

Atividades

1. Empresas de desporto de montanha
2. Empresas de desporto náutica

Saúde e Bem-Estar

1. Termas da Moimenta
2. Termas do Gerês

Legenda

- Estrada nacional
- Estrada municipal
- Caminho municipal
- Via romana (geira) - Património Nacional
- Espelho de água
- Limite do Concelho
- Fronteira (Portugal-Espanha)



turismo.cm-terrasdebouro.pt



eventos.cm-terrasdebouro.pt



facebook.com/visitterrasdebouro



instagram.com/visitterrasdebouro



GERÊS
TERRAS DE BOURO